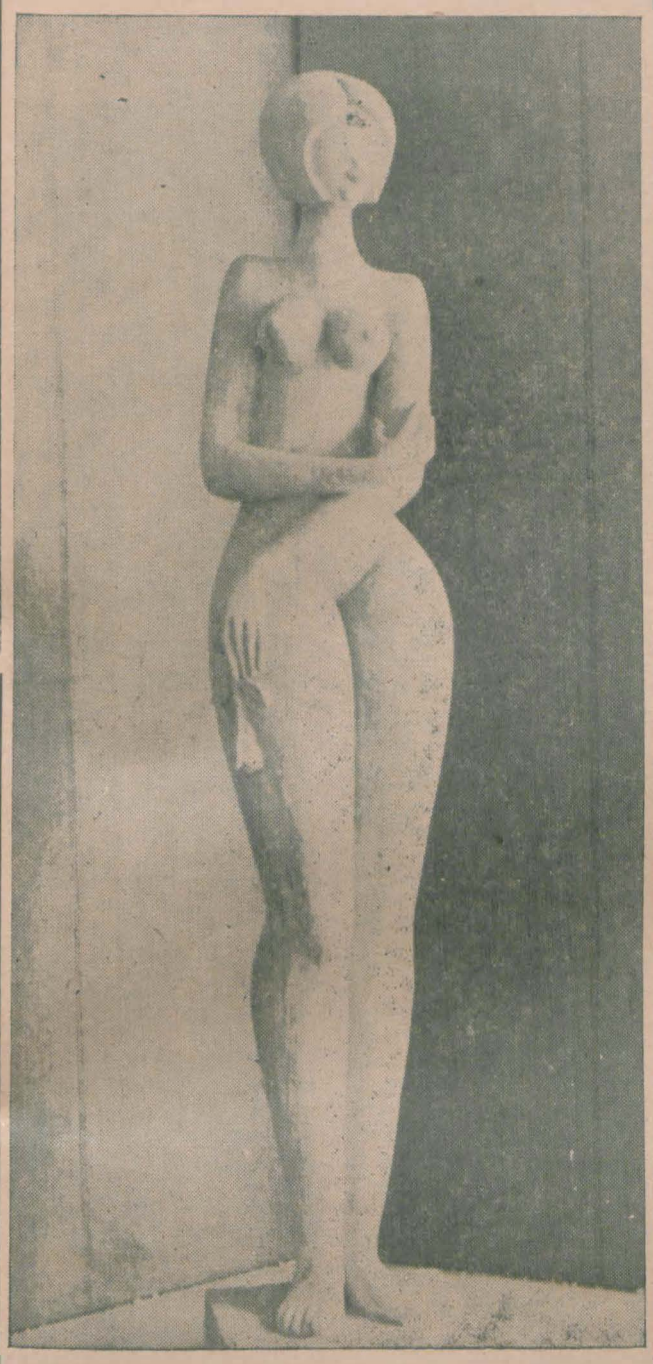
Corbiniano busca no popular a inspiração de sua arte



Corbiniano Lins, artista entre os maiores do país no domínio das Artes Plásticas, realiza uma obra em que os motivos predominantes são de origem popular mas onde o tratamento estético difere, pelo seu cunho pessoal a aristocrático, das soluções normalmente vigentes para o problema. O xangô, a ciranda, as procissões e outras manifestações folclóricas nossas recebem um tratamento de tal modo transfigurado que as criações nelas inspiradas sobrevivem por si mesmas. (pag. 6)

Prédios e logradouros são marcos da nossa história

Várias igrejas, prédios e logradouros públicos no Recife refletem a história da cidade, marcos que são dos principais acontecimentos da vida social, política e econômica de Pernambuco, a par da beleza paisagística e da motivação turística que estão a oferecer.

Na pequenina Igreja de Santo Amaro das Salinas, no bairro de Santo Antônio, parece que ainda assistimos — num rasgo um tanto romântico — à luta encetada pelos nossos antepassados contra o dominio holandês.

No coração da capital, a imponência do Teatro Santa Isabel, que, aos ouvidos dos mais sensíveis, parece conservar o eco de vozes famosas de atrizes, teatrólogos, politicos, abolicionistas e tantos outros vultos que contribuiram efetivamente para que a história de Pernambuco fosse, como na verdade o é, cheia de capítulos importantes e decisivos não só em relação a si mesma mas por extensão aos destinos do Brasil.

Quão decantado tem sido ainda em nossos dias, por exemplo, o papel desempenhado por Castro Alves nos palcos do tradicional Santa Isabel, levantando sua voz de artista, poeta e idealista na luta tenaz contra a escravidão.

A Praça da Independência, palco de sangrentos episódios e acontecimentos não menos importantes para a história, conserva o marco de ter sido o primeiro centro comercial da capital pernambucana, portanto um capitulo à parte para os que se Interessam pela vida sócio-econômica do Estado.

Frente ao 13 de Maio, está a tradicional e secular Faculdade de Direito, inseparável igualmente dos principais acontecimentos politicos, literários e sociais da cidade.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.PE.

N.º 7 RECIFE — MARÇO — 1975 ANO VII

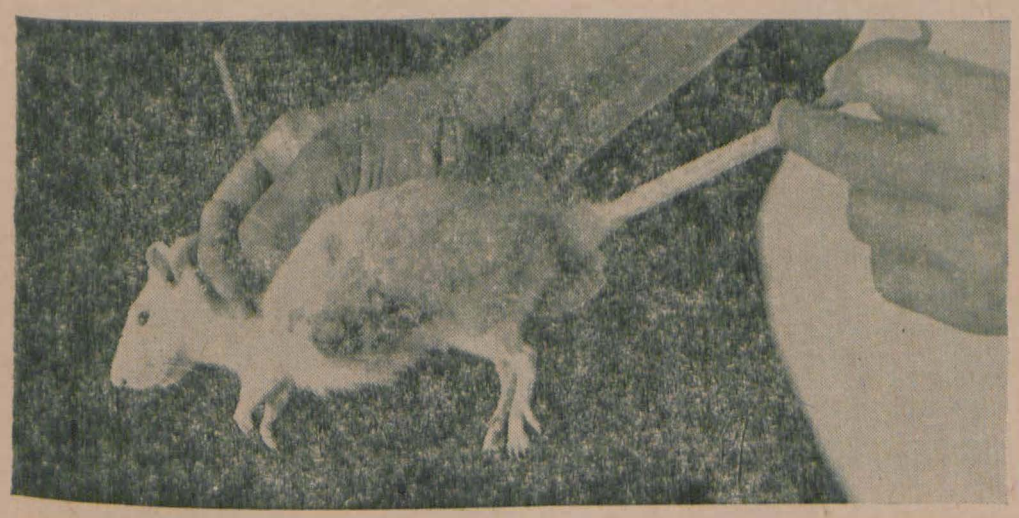
Farmácia-Escola treina os estudantes

Na Escola de Farmácia da UFPe., dotada de uma farmácia onde são treinados os alunos do Farmacotécnica II, um professor orienta estudantes do curso em testes de laboratório.

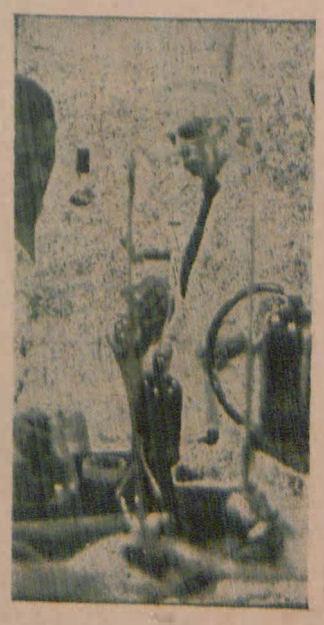
DAU e Capes fixam perspectiva para o ensino de pós-graduação

Novas perspectivas foram traçadas para o ensino pós-graduado no Brasil, durante a reunião promovida na Reitoria da UFPe, este mês, pelo Departamento de Assuntos Universitários do MEC e Conselho Deliberativo da Capes, com a participação dos reitores do Norte e Nordeste, além dos altos dirigentes daqueles dois órgãos superiores (Pags. 8 e 9)

Antibiótico isola nova substância



A equipe do Instituto de Antibióticos da UFPe, sob a direção do cientista Oswaldo Gonçalves de Lima, vem dando largos passos nos estudos e pesquisas, quer na manipulação de novas drogas, quer no isolamento de várias substâncias apresentando relevante ação antiblastica, não só para tumores experimentais, como também para algumas formas de tumores que atacam o homem. (Pag. 15)



Redator do JU realiza palestra na Academia

"Diário de Pernambuco e Literatura" — aspectos da importância do DP no desenvolvimento cultural do Estado e do Nordeste — foi o tema da conferência que o jornalista Raimundo Carrero, redator do Jornal Universitário proferiu na Academia Pernambucana de Letras, dentro do programa comemorativo do Sesquicentenário do jornal mais antigo, em circulação, na América Latina, de cuja equipe também faz parte.

Analisando as colaborações literárias dos mais eminentes escritores brasileiros nas páginas do "Diário de Pernambuco", ressaltou as figuras de Castro Alves, Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama — o Padre Carapuceiro — e de Antônio Pedro de Figueiredo — o "Cousin Fusco" — que nos meados do Século XIX participaram ativamente da vida cultural, literária e política de Pernambuco.

Importância

Sallentando que o tema da conferência era "multo amplo e, por assim dizer, complexo", Carrero salientou que "literatura, aqui, tem um sentido muito mais extenso do que aquele que se refere simplesmente, ou complexamente, à criação literária. Sobretudo, porque a colaboração de eminentes escritores brasileiros nestes 150 anos do "Diário de Pernambuco" engloba toda uma multiplicidade de questões".

Observou que não seria possível estudar a colaboração de um Lopes Gama, de um Gilberto Freyre, de um Mauro Mota, ou de um Carlos Pena Filho, sem fazer referências à nossa história literária, social, econômica e política. Como também não era possivel estudar um Antônio Pedro de Figueiredo ou um Castro Alves, sem deixar de analisar a missão social do escritor.

Considerou que a análise da importância dos suplementos culturais e das colunas especializadas incluía também o estudo do poder destas matérias na formação intelectual de "muitas e várias gerações pernambucanas, nordestinas e brasileiras".

Pioneirismo

Citando França Pereira, antigo diretor do "Diário de Pernambuco" e ex-integrante da Academia Pernambucana de Letras, o conferencista demonstrou que Pernambuco sempre foi pioneiro nas questões culturais brasileiras, lançando-se na vanguarda de muitos movimentos literários, como o Romantismo, com Maciel Monteiro e Castro Alves, sem falar nos assuntos jurídicos e sociais.

Afirmou: "Em verdade somos pioneiros, sempre estivemos na vanguarda. Vanguarda de estudos literários, dos estudos jurídicos, sociais e políticos. E para que isto não fique apenas em palavras, basta uma folheada, uma folheada rápida, ligeira, apressada, ou como queiram os mais modernos, dinâmica, nas coleções deste sesquicentenário "Diário de Pernambuco".

Ressaltou, inclusive, que "não importa que Castro Alves tenha vindo da Bahia ou Tobias Barreto de Sergipe. Não importa. Aqui eles não foram estrangeiros, Intrometidos ou enxeridos. Aqui eles fizeram, praticamente, suas formações e aqui, nesta Santo Antônio do Recife, ajudaram na formação de outras gerações".

Fundação

Na segunda parte da conferência, sublinhou: "Fundado em 7 de novembro de 1825, pelo tipógrafo Antonino José de Miranda Falcão, o "Diário de Pernambuco", apesar do clima revolucionário da época, não parecia muito interessado em participar dos problemas políticos do Estado e da época. Apresentava-se como uma simples folha de anúncios, contrariando mesmo o programa de uma dezena ou de uma centena de outros periódicos da época que atiravam-se sofregamente à arena política ou à literatura política de Pernambuco, engajando-se em lutas heróicas e, na maioria das vezes, românticas ou simplesmente utópicas".

Ressaltou, entretanto, que o fundador do "Diário de Pernambuco", Antonino José de Miranda Falção não era um homem acomodado, parado no tempo, satisfeito com a situação política. Fora ele um revolucionário participante ativo da "Confederação do Equador", e, por isso mesmo, preso e maltratado. No entanto, parecia ter motivos bem fortes para afastar-se dessa luta quando fundou o "Diário de Pernambuco".

Colaborações

— Pouco a pouco, e não podendo colocar-se à margem da História, sendo testemunha dessa História, o "Diário", ao acolher colaborações dos mais ilustres estudiosos da época foi assumindo a posição que lhe estava reservada. Já não era possível desconhecer a mordacidade de um Lopes Gama e o espírito de vanguarda, vanguarda política e social, de um Antônio Pedro de Figueiredo.

Entretanto, foi já "na administração do velho Manoel Figueôa de Faria que apareceram as colaborações do Padre Carapuceiro — espírito irriquietíssimo de sacerdote — e do nosso "Cousin Fusco, este último já funcionário da Casa".

Gama e Figueiredo

Além de ressaltar a colaboração de Castro Alves no "Diário de Pernambuco", o jornalista Raimundo Carrero salientou, fundamentalmente, os trabalhos do Padre Miguel do Sacrameto Lopes Gama e Antônio Pedro de Figueiredo. O primeiro, como escritor de estilo leve e vigoroso, pioneiro na abordagem de assuntos sociais e culturais da Região, e o segundo, colocando na vanguarda dos temas políticos e da História das idéias, ao lançar os princípios de suas teses socialistas, mais de um socialismo utópico e romântico do que verdadeiramente participante.

Demonstrou que um dos primeiros trabalhos de tradução de Castro Alves, o grande Poeta da Abolição, apareceu em fevereiro de 1868 no "Diário de Pernambuco": era uma ode de Victor Hugo. Logo em seguida aparecerem as cartas de José de Alencar e Machado de Assis sobre o trabalho poético e teatral do grande poeta baiano.

Gilberto Freyre

Também o sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre mereceu destaque especial na conferência de Raimundo Carrero. O conferencista demonstrou que foi no "Diário de Pernambuco" que o autor de "Casa Grande & Senzala", ainda muito jovem, lançou, pioneiramente, os primados de seu pensamento social, sobretudo no trabalho que escreveu, especialmente, para o "Livro do Nordeste", comemorativo do Centenário do "Diário de Pernambuco", ocorrido, com festas, em 1925.

Ressaltou, ainda, que uma das figuras mais notáveis de colaboradores do "Diário de Pernambuco", em grande parte sua exaustiva existência, tem sido o renomado autor de "Aventura e Rotina" que vem mantendo, até hoje, uma coluna lida e discutida, nas edições domingueiras do Jornal.

Suplementos

Referindo-do aos suplementos literários, fez questão de salientar a importância de todos eles na formação cultural de muitas e várias gerações pernambucanas, nordestinas e brasileiras. Demonstrou que, segundo o historiador José Honório Rodrigues, membro da Academia Brasileira de Letras o "Diário" foi um dos primeiros jornais brasileiros a apresentar suplementos organizados. Salientando, ainda, que foi o escritor Mauro Mota, atual presidente da Academia Pernambucana de Letras, um dos primeiros organizadores, na década de 40, destes suplementos.

E foi através deles que revelamos poetas e escritores como Carlos Pena Filho, Ariano Suassuna, Hermilo Borba Filho, Audalio Alves, Carlos Moreira e, mais recentemente, Alberto Cunha Melo, Jaci Bezerra, Ângelo Monteiro, José Carlos Targino. Hoje o suplemento literário do "Diário de Pernambuco", publicado na revista domingueira do jornal, conta com a direção de César Leal e Marcos Antônio do Prado, verdadeiros heróis, cuja importância, ainda não foi devidamente sallentada, — finalizou o jornalista Raimundo Carrero.

Tita, um servente que se dedica à talha

Existe no Recife uma enorme legião de entalhadores, mais ou menos anônimos, que passaram a constituir uma classe curiosa de comerciantes de um artesanato — o de madeira — que, em seu gênero, ao lado do artesanato de barro, se apresenta como um dos mais definidores da cultura pernambucana. São, em sua maioria, mais artesãos do que artistas e o critério de beleza desses trabalhos está ligado apenas a uma utilidade estritamente prática: o de servir de adorno às paredes de uma residência.

Tita

Possuindo apenas o curso primário, e servente do Diário de Pernambuco há mais de um ano, depois de uma incursão pelo Serviço de Meteorologia, e de garantir sua subsistência vendendo pneu, Moacir Moreno da Silva, também chamado Tita, dedica-se à talha há mais de quatro anos.

Tendo atualmente 31 anos de idade Tita aprendeu a fazer talha com uma moça chamada Solange que, depois de casar-se, abandonou a profissão de entalhadora legando-a, entretanto, a Tita, que confessa já ter sido convidado inclusive para ensinar talha na Alemanha. Preferiu ficar aqui mesmo no Recife, onde vive, além do minguado salário de servente, das rendas de suas talhas ecomendadas. No Alto da Sé, em Olinda, organizou, ao lado de outros colegas entalhadores a Galeria Preto Velho.

Tita não tem preferência artística por nenhum tema, interessando-se por qualquer figura que encomendem, que geralmente já vem desenhada para suas mãos e que, em seguida, ele passa para a madeira, consistindo nisso toda sua operação artística. Aliás, o preço das talhas varia de 50 cruzeiros para as pequenas e quinhetos para as grandes, e como não lhe falta encosta clientela, também não tem lhe faltado encomenda. Considera entalhar uma forma de diversão, ou de esquecimento do tempo, e não parece muito preocupado em fazer nenhum tipo de arte, mas apenas em vender o produto do seu artesanato. Sendo um artesão e não um artista, Tita é um dos muitos representantes dessa forma de artesanato no Estado e que, sobretudo em Olinda, encontra seu maior campo de expansão.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.° 7 RECIFE — MARÇO — 1975 ANO VII

Reitor ..... Professor Marcionilo de Barros Lins

Vice-Reitor ..... Professor Rômulo Maciel

Pró-Reitor Comunitário ..... Professor Armando Ribeiro Samico

Diretor do DEC ..... Professor Marcos Albuquerque

Redator-Chefe ..... Manoel Neto Teixeira

Repórteres ..... Raimundo Carrero

..... Ângelo Monteiro

..... José Carlos Targino

Repórter-Fotográfico ..... Maurício Coutinho

Diagramação ..... Josias Florencio da Silva

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, Órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros,. cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria 2.º andar, Cidade Universitária.

Energia Nuclear

MARCO MACIEL

Relevante passo no sentido do desenvolvimento científico e tecnológico da Região Nordestina acaba de ser dado com a inclusão do Centro de Energia Nuclear — CENUR, da Universidade Federal de Pernambuco, no Plano Nacional de Energia Nuclear, graças a convênio firmado entre aquela institutição e a Comissão Nacional de Energia Nuclear — CNEN, presidida pelo ilustre Professor Hervásio Guimarães de Carvalho.

Ao lado dos subsídios financeiros que serão repassados, convém destacar, sobretudo, sua grande significação para o CENUR, pois o acordo dará "status" e proporcionará condições para execução de trabalho com outras entidades estrangeiras na procura de soluções para os problemas da área.

Aliás, é esta, no meu entendimento, uma das mais importantes tarefas conferidas à Universidade brasileira: ela deve ser o pólo, como, de resto, ocorre em outros países, de pesquisas — e quando falo em pesquisas eu me refiro não apenas à pesquisa básica, mas também à pesquisa aplicada. Se no campo da primeira — a pesquisa básica — objetiva-se primacialmente o desenvolvimento da ciência e a correspondente formação de pessoal docente e de investigação científica, na área da aplicada e tecnológica busca-se, como se sabe, a descoberta de alternativas de problemas específicos e a criação de "know-how".

O Centro de Energia Nuclear da UFPe tem, basicamente, seus projetos voltados para as pesquisas aplicadas. E assim o demonstram o êxito de algumas de suas atividades nesse campo, levadas a efeito por sua equipe técnica, que alia à sua formação universitária um grande espírito público.

Os trabalhos que ali se realizam, como, por exemplo, sobre a cebola no alto-médio São Francisco, indicam a necessidade da implantação no Nordeste de um sistema de irradiação para estudos econômicos de conservação em escala de comercialização desse produto.

Através de convênios com iniciativa privada — numa evidência da perfeita e desejável integração Universidade-Empresa — o CENUR está fazendo investigações visando o aumento da potencialidade agrícola dos solos carentes da região, bem como a obtenção de novas variedades mais produtivas de cana-de-açúcar através de radiações nucleares.

Igualmente importantes são os trabalhos que, com a colaboração da SUDENE, estão sendo realizados no âmbito da introdução de fertilizantes marcados, — possibilitando, sem dúvida, a realização de pesquisas tecnológicas, visando a otimização do uso dos fertilizantes — e na aplicação de radioisótopos no estudo de água subterrânea, investigação de excepcional dimensão para uma região semiárida.

Por todas essas razões, é que entendo que a ajuda da CNEN ao CENUR — por intermédio do referido protocolo firmado com a Universidade Federal de Pernambuco, representada pelo seu Reitor, Professor Marcionilo de Barros Lins — constitui um valioso apoio aos trabalhos que ali se desenvolvem e o estímulo à sua equipe de jovens e já experientes cientistas pesquisadores, tendo à frente o Professor Aarão Horowitz que, com muito idealismo e "provisão de sol interior" — para usar a expressão de Joaquim Nabuco — procuram através da utilização de moderna tecnologia, enfrentar as causas do subdesenvolvimento nordestino.

Centro de FCH promove concurso para docente

O Centro de Filosofia e Ciências Humanas realizará proximamente concursos para auxiliar de ensino para os Departamentos de Psicologia, Filosofia e Ciências Sociais, em virtude do aumento do número de turmas dos respectivos cursos.

A realização do concurso já foi autorizada pelos órgãos superiores da Reitoria, de acordo com expediente encaminhado pelo diretor do Centro, prof. Geraldo Lafayette Bezerra, na qual justifica a expansão do corpo discente dos vários cursos.

PRAZO

Foi prorrogado por mais dois anos (termina em setembro de 1976) o prazo para realização de concursos de Docentes Livres nas Universidades Federais, por determinação do Ministério da Educação e Cultura. No âmbito do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPe, já foram feitos alguns concursos, como os de Sociologia Jurídica, Orientação Vocacional e Sociologia do Desenvolvimento.

Estão previstos, para os próximos dias, os concursos de Arqueologia e de História da Cultura. O Centro receberá inscrições até o término do prazo fixado em lei, de professores da UFPe e de instituições congêneres.

Recentemente, o Departamento e o Curso de Geografia passaram a integrar o Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os quais funcionavam no Instituto de Geociências.

MESTRADOS

No Centro de FCH já funcionam os Mestrados de Sociologia e História estando prevista a implantação do de Filosofia, para o próximo ano. Os dois primeiros têm sido muito procurados, por estudantes do Pernambuco e de outros Estados do Nordeste. Contam com um corpo docente de alto nível, figurando, entre eles, vários escritores, historiadores, sociólogos, sob a coordenação dos professores Roberto Martins e Armando Souto Maior, respectivamente.

Profa. Banza pesquisa a Esquizofrenia Paranóide

Partindo de observações feitas com pacientes portadores de Esquizofrenia Paranóide, em uma Clínica de Porto Rico, onde esteve pesquisando durante vários meses, a professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, Maria José Banza de Arruda estabeleceu conclusões que a levaram a escrever um livro a ser editado ainda este ano.

Precisamente em 1965, durante um estágio em uma Clínica de Porto Rico, quando se encontrava fazendo curso de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica, a professora Maria José Banza de Arruda começou sua pesquisa, coletando dados para conclusão de um livro que tem como título "*Relacionamento* Terapêutico em Psiquiatria — Um Estudo de Caso com Esquizofrênico".

PONTO CENTRAL

O ponto central do livro é o estudo interpessoal com interpretação, entrevistas com o paciente, tendo como objetivo motivá-lo para a cura, de forma a não se deixar absorver emocionalmente pelo ambiente hospitalar, melhorando o conceito de si mesmo e reorganizando sua mente para enfrentar novamente a sociedade.

A professora Banza lembrou o caso de um portador de Esquizofrenia Paranóide, como amostragem, o qual se apresentou totalmente conformado com o ambiente onde estava hospitalizado, demonstrando tendência ao isolamento, sempre melancólico e desinteressado em atividades recreativas, inclusive com acentuado ressentimento da família.

No decorrer da assistência que lhe era dispensada, o dito paciente foi revelando sensível melhora, passando a comentar positivamente aspectos relacionados com a sua vida familiar e a se aproximar mais dos outros pacientes.

PESQUISADORA

Graduada em Ciências Sociais e Licenciatura em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco, Pós-graduação pela Universidade Católica de Porto Rico, a professora Maria José Banza de Arruda tem suas atividades dedicadas ao ensino, lecionando na Cadeira de Técnica Educativa e Prática de Ensino I — II na UFPe.

Durante os estudos, sempre se interessou pela pesquisa, tendo trabalhos divulgados em revistas especializadas, podendo ser destacada uma publicação feita na Revista "Estudos Universitários", tendo como tema "Ensino de Enfermagem Face às Novas Perspectivas do Novo Ensino Brasileiro".

OPINIÃO

Falando, ainda, sobre a pesquisa, destacou ser de bastante interesse didático para os estudantes de Medicina, Enfermagem, Psicologia e até mesmo de Sociologia, já que o seu trabalho fornece elementos para entender melhor alguns fatos patológicos da sociedade.

Na opinião da professora Maria José Banza de Arruda, em determinados momentos, o doente mental, revela carência de afeto, necessitando de algo mais do que um simples tratamento médico, sendo necessário que os hospitais se modernizem, tirando aspectos de uma prisão que alguns ainda conservam.

Explica ainda que no livro existem diálogos entre o entrevistador e paciente, ficando a parte que convém ao paciente em espanhol, preferindo não traduzir para ser mais autêntica a conversação.

MANUSCRITO

Ainda manuscrito o livro "Relacionamento Terapêutico em Psiquiatria — Um Estudo de Caso com Esquizofrênico", será editado ainda este ano, quando for examinado por uma comissão especial.

Universidade e espírito universitário

RUY JOÃO MARQUES

Se eu disser que no princípio era o caos estarei, certamente, exagerando. Na verdade não chegava a tanto, mas a desordem era o costume, a rotina, quase a praxe.

Tudo fora do seu devido lugar; tudo desaprumado e pêco.

Estávamos começando. Sem qualquer experiência realmente válida, sem a menor tradição, juntamos, em um só molho, escolas, faculdades e institutos destinados puramente à formação de profissionais liberais e queríamos, a fina força, ter — o que era impossível — uma universidade.

Teríamos, no máximo, uma diversidade...

No papel, no entanto, a tínhamos. No decreto assinado pelo Presidente Getúlio Dornelas Vargas e pelo Ministro Francisco de Campos, lá estava pespegada a palavra, solene, nobre, grandiloquente, não com todos os "efes e "erres", já se vê, mas com todos os "is" e com todos os "dês".

Era, porém — não podia deixar de ser —, uma instituição apoucada e frágil, além de heterogênea e anômala.

Assim ela cresceu — confusa e hesitante — como tantas outras cousas têm crescido neste venturoso país que se chama Brasil.

Uma expansão obtida deste jeito gera sempre problemas; no caso da universidade, além dos chamados vícios de origem, havia, perturbando sua vida e sua evolução, uma estrutura de ensino a que não cometeríamos injustiça chamando-a de arcáica, com programas também anacrônicos, clamando por modificações muito grandes, talvez radicais.

Ensaios de reformulações, tentativas de transformações mais ou menos profundas e até modificações outras que chegaram a ser denominadas reformas não deixaram de surgir. A lei n.º 4024 de 20 de dezembro de 1961, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, foi, dentre todas estas tentativas, a que mais proporcionou aberturas, a mais inteligente e a mais objetiva embora mantivesse o velho conceito de universidade constituida pela reunião de ao menos cinco estabelecimentos de ensino superior, o que, já naquela época, era absolutamente inaceitável.

Nestes últimos tempos, porém, as necessidades nascidas com o assombroso desenvolvimento do Brasil em matéria de tecnologia e de ciência e o próprio rumo que o mundo tomou, foram tão extraordinariamente provocadores que se tornou mais do que urgente, mais do que urgentíssimo, inadiável mesmo, uma completa transformação estrutural, uma mudança em profundidade nos domínios da educação.

Impunha-se, sem outra saída, uma reforma, renovadora e inovadora, do ensino, em seus diferentes graus, todos sentiam isso e a estudantada atiçada por líderes que eram apenas agitadores políticos, envolveu-se ou se deixou envolver em um movimento que, a rigor, só na aparência era pela reforma tão desejada.

Esse movimento de alunos — inocentes idealistas quase todos, vítimas de um sistema educacional defeituoso e deformador, todos — logrou apressar a saída da reforma que haveria, sem dúvida, de ser decretada mais cedo ou mais tarde.

Terá sido a reforma ideal? Não me proponho a analisá-la, nem seria o momento para isso.

Sei que nela já se vão encontrando, aqui e ali, pontos merecendo revisões e acredito que o tempo há de multiplicá-los. É o inevitável que começa a surgir. A aplicação, a experiência ensinam sempre onde está o exagero, onde se esconde o erro, onde se cometeu o pecado da omissão. Por isso concordo com Edson Machado de Souza que escreveu: "A reforma universitária brasileira ainda não é um fato, mas uma experiência em curso". E um dia — quem sabe? — nos chegará às mãos, para implantação, a reforma da reforma...

Sei também que há, nela, um luxo de imposições derivadas talvez — explicável mas não justificável reação de certo sentimento de repulsa, de reprovação a alguns erros ou desfigurações outrora bem comuns, com o decantado poderio das cátedras — algumas delas mais catedrais do que cátedras —, o velho esbanjamento de recursos empregados em inexplicáveis duplicações e certos outros.

Sei que para, por assim dizer, compensar a desorganização existente antes dela, procuraram os seus autores colocar ordem em tudo, talvez até, porém, com requintes supérfluos e de aplicação discutível, com indisfarçável artificialismo, passando a esperada e desejada flexibilidade a ser, em muitos pontos apenas relativa e diminuindo muitíssimo as suas condições de exequibilidade.

Sei ainda que não são poucos, nem culturalmente insignificantes, os inimigos declarados da reforma, mas é preciso admitir que, embora longe de merecer o qualificativo de ideal, ela abre luminosas perspectivas para a universidade brasileira, que ela rasga promissores horizontes à pesquisa científica em nosso país e que, através dela, se poderá, de fato, reestruturar, sob bases inteligentes e modernas, o ensino superior no Brasil.

Além de tudo — diga-se a verdade — a reforma que a Revolução nos trouxe é o resultado de estudos e de recomendações de um grupo de trabalho onde figuraram especialistas da mais fina linhagem intelectual, todos empenhados em produzir o melhor, todos empregando os seus mais apurados recursos para encontrar um modelo de ensino superior realmente adequado às nossas realidades.

Newton Sucupira, um dos mais eminentes membros deste grupo escreveu sobre o assunto: "Trata-se de um tipo de universidade que chamamos polivalente, multifuncional, baseada na indissociação do ensino e da pesquisa, e que abriga, ao mesmo tempo, a formação técnico-profissional ampla e variada, inclusive de nível intermediário e as mais altas formas de saber".

Temos, até que enfim, o que, a rigor nunca havíamos tido, isto é, as diretrizes e as bases — desta vez seguras e convinháveis — para as universidades no Brasil.

Por outro lado estão surgindo os Campi, alguns, sem dúvida, paisagisticamente belos, todos povoados de prédios mais ou menos monumentais, não raro de estilo duvidoso, porém, de qualquer modo, prontos a acolher alunos e mestres empenhados no labor da pesquisa ou nas atividades do ensino.

Boa ou má — só o futuro poderá decidir —, temos uma estrutura universitária, um ordenamento jurídico, como possuímos ou estamos começando a possuir, também, uma base física para os nossos trabalhos.

Teremos, porém, de fato, uma Universidade? Sim, sem dúvida a temos e muito nos orgulhamos disso.

Falta-lhe, porém, algo básico, imprescindível, fundamental, eu diria mesmo essencial e insubstituível: o espírito universitário.

Não digo que lhe falta de todo; ele começa a existir, débil, franzino, incerto, tímido talvez.

Sem ele já houve quem o dissesse, a Universidade é um corpo sem alma; sem ele, ela está incompleta, inacabada, diminuída, limitada, fria.

Vale aqui citar a palavra de um mestre, muito nosso — o Prof. Lourival Vilanova. Será uma citação longa porque não pode ser doutra forma. São trechos de trabalho feitos para um Simpósio sobre problemática universitária, promovido, em 1965, pela U.F.Pe. e que ainda hoje continuam absolutamente oportunos. Eis aqui o pensamento do autor, claro, lúcido, justo e elegante como, de resto, tudo o que ele costuma escrever: "... não é por vis formae apenas que a coisa ou ente social, que é uma universidade, chega a se corporificar como ser vivo e palpável. Nem tampouco, a universidade começa a existir quando toma a sua fisionomia material de cidade universitária. Não é o corpus, ou o campus sobre o qual se projetam seus edifícios que, só por si, lhe assegura vida e atuação. É, antes, uma experiência subjetiva comum, uma idéia vivida e convivida, um compartilhamento na idéia de universidade, que é, de certo modo, uma empresa ou um empreendimento, uma conjugação de esforços para implantar uma forma, o saber e a comunidade concreta como universo". E, mais adiante: "Quando existe essa consciência comum da idéia de universidade é bastante para unificar escolas ainda que dispersas num espaço material". "Sem aquele aspecto subjetivo, o da consciência universitária, por bem que seja o sistema pedagógico dessa formação, ainda é incompleto", arremata Vilanova seu pensamento.

Que venha, pois, com toda a sua força vitalizadora, com todo o seu fecundo poder criativo, unificante e harmonizador, o insubstituível espírito universitário.

Claro que não me refiro a algo limitado, estreito, tacanho, nem ao falso, ao vesgo, ao canhestro sentimento que leva certa gente a arrancar de um para outro, que faz misturar pesquisa com rotina para... evitar duplicações e que só inspira inveja, despeito, preconceitos. Falo de "espírito universitário" no sentido mais lato da expresão, em toda a sua plenitude, bem aberto, bem amplo, bem adulto.

Espírito universitário é uma filosofia, uma mística, uma opção. Por isso Georges Gusdorf escreveu: "a universidade é uma universo de valores, um conjunto complexo de relações humanas e um programa de vida". Por isso também Anísio Teixeira, em discurso notável, sentenciou: "São as universidades que fazem hoje a vida marchar. Nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil".

Descontado o talvez excessivo entusiasmo do saudoso intelectual brasileiro, há muito de verdade na sua afirmação.

Não se poderá jamais dissociar a autêntica universidade daquilo que vimos chamando consciência universitária e que precisa ser criada, estimulada, perenemente cultivada.

Este há de ser trabalho custoso e lento, mas ininterrompido e desejado. Ele terá que ser exercido através diferentes caminhos e incitado de variadas maneiras.

Antes de tudo é preciso que exista o sentimento de amor à instituição e a tudo o que a ela esteja vinculado; que haja interesse pelo o que os outros — não importa aonde, dentro dela — estejam fazendo, não para alfinetar ou duvidar dos seus êxitos, mas para vibrar com suas vitórias, para exultar com os seus triunfos.

Confesso que isso implica, em certos meios ou para certos indivíduos, numa enorme, talvez radical, mudança de mentalidade; todavia, é preciso que tal aconteça.

Conheço mais de um ilustre médico que, embora favorável, por exemplo, à instituição de um fichário central de observações no nosso Hospital das Clínicas, teme que não estejamos para isso bastante preparados e até mesmo que haja um ou outro pesquilador, menos honesto, capaz de, tomando conhecimento delas, vir a apoderar-se de certas linhas de pesquisa ou até dos próprios casos anteriormente estudados por colegas seus. Talvez tenham eles razão. Há muito o que conseguir ainda do ponto de vista ético, mas acredito que uma vida universitária bem vivida possa, pouco a pouco, ir transformando, depurando, aperfeiçoando caracteres até um nível bem próximo da perfeição.

Naquela mesma ordem de idéias referentes ao interesse pelo que se passa, em qualquer setor, dentro de uma universidade, bom será que havendo nela orquestras, corais, grupo teatral ou de dança, todos procurem conhecê-los, mesmo que não sejam eles excepcionalmente bons, só para oferecer um pouco de estímulo, de incentivo, como se

Universidade e Espírito Universitário

Ruy João Marques.

faria com uma irmã querida ou com um amigo dileto. Que, com idênticos sentimentos, sejam visitadas as galerias de escultura, de pintura, seja do que for, onde os alunos e os professores das escolas de arte, estejam expondo seus trabalhos. Mais do que isso: que os autores dessas obras ou seus mestres, em palestras sobre as mesmas, difundam, na comunidade universitária e na população em geral, o gosto pelo belo e pelo bom. Isso é, aliás, uma das missões — das mais nobres e das mais autênticas — da universidade.

E porque não aulas de história ou de línguas, de higiene ou de ética, disso ou daquilo, na televisão, nas estações de rádio, nos auditórios de qualquer das Unidades, para disseminar cultura, para aperfeiçoamento e deleite dos professores e dos alunos dos diferentes outros cursos, do corpo administrativo, de quem quer que seja, já que isso é, também, missão de uma universidade?

Outros meios podem ser aproveitados para que laços sejam estreitados, para que intercâmbios sejam efetuados.

Só merecerá imitadores, por exemplo, um mestre de história universal dissertando para os futuros advogados ou futuros magistrados sobre o Direito Civil na França de Napoleão, sobre questões jurídicas na velha Grécia ou entre os Romanos; ou um professor de medicina tropical batendo à porta de um antropologista, de um sociólogo, de um geógrafo, de um ecologista ou de um sanitarista para abordar, perante seus assistentes e seus alunos, problemas que só eles poderão fazé-lo com a necessária profundidade.

Senhores: nada mais desejável do que a aproximação universidade — comunidade. Importa muitíssimo que industriais, banqueiros, políticos, eclesiásticos, líderes de todas as classes sejam chamados para Simpósios, para aulas, para conferências e principalmente para debate informais.

Precisamos muito deles, das suas vivências, dos seus saberes — não raro apenas de experiências feitos, mas, de qualquer modo, soberes e, por isso mesmo respeitáveis —, das suas críticas, das suas opiniões, da sua simpatia também...

A simpátia de um empresário pode servir como suporte a muita pesquisa importante, pesquisa algumas vezes extremamente dispendiosa até... É, portanto, sentimento cobiçável, altamente cobiçável mesmo...

A impressão que se tem é de que certos homens de empresa desconfiam da universidade, de sua ciência, de de sua tecnologia, de seu saber. Julgam-nos, a nós professores, a nós investigadores científicos, talvez demasiadamente teóricos, um tanto livrescos, desligados da realidade, estratosféricos nas nossas idéias e nas nossas soluções. Com isso — com estes preconceitos — precisamos acabar.

É necessário convencer esta gente que não pode haver desenvolvimento sem universidade, pois é a ela que cabe promover a cultura e difundi-la, cultivar a ciência e aplicá-la, através da pesquisa, das descobertas, da criação em todos os domínios do saber.

Esta é uma das facetas do espírito universitário na sua mais larga acepção. No seu mais legítimo sentido, também.

Outro modo de ampliar, dentro, dessa mesma diretriz, o âmbito da universidade é dinamizar e sobretudo diversificar o ensino, abrindo novas oportunidades que venham a atender a fome de conhecimentos que hoje felizmente existe da parte, não apenas da juventude, mas da gente de toda idade.

Esta multiplicação de cursos abertos inclusive à gente de nível intelectual não muito alto e vinda de onde quer que seja é hoje um imperativo e está bem dentro dos objetivos universitários. Ja Newman, o grande cardeal inglês que tanto se dedicou ao ensino superior em sua terra, escrevia: "A universidade é um lugar para onde vêm estudantes dos quatro cantos do mundo em busca de toda a sorte de conhecimentos". Veja-se bem: toda a sorte de conhecimentos.

Hoje em dia fala-se muito em "Universidade Aberta", para quem não pode — e não são poucos — frequentar, no **Campus**, as aulas regularmente ministradas. Excelente iniciativa através da qual as ciências, a literatura e as artes poderão chegar pela televisão até o povo. É a cultura facilitada. É o puro espírito universitário.

Em Toulouse, na França, criou-se aquilo que vem sendo chamado "Curso da 3.ª Idade", destinado aos maduros e sobretudo aos velhos, muitas vezes já aposentados e que desejam retomar seus estudos. Claro que não se destinam a formar médicos ou engenheiros, padres ou arquitetos. O que ali se procura ensinar é algo como literatura, história, geografia, língua francesa, para preencher monótonos lazeres ou para ajudar — quem sabe? — a realização de antigo sonho.

Em alguns países europeus encontra-se oficialmente instituida e em plena moda, a prática do que se denominou "educação permanente". É a universidade promovendo, constantemente, atualizações nisso ou naquilo, aperfeiçoamentos e especializações para o seu corpo docente e para quem nisso interessado estiver. Desde jovens monitores até velhos catedráticos (por aquelas bandas esta expressão não é ainda e certamente jamais chegará a ser, vedada, maldita, quase obcena, como é entre nós), desde jovens monitores até provectos catedráticos a ela acorrem, gulosos de novos conhecimentos. Dá gosto ver a multidão de interessados. Velhinhos e ainda estudando. Donas de casa — de idade indefinida — também inscritas. Homens do comércio, da indústria, da imprensa, todas enfim na onda da educação permanente.

É a universidade expandindo seu raio de ação. É o espírito universitário crescendo e frutificando.

Nos Estados Unidos da América este espírito é cultivado e estimulado de não sei quantas maneiras. Nos jogos de "baseball', ali extremamente populares, ou em outras competições esportivas vê-se quanto é exaltado o amor pelas cores das instituições em disputa.

Em muitas outras circunstâncias o mesmo pode ser apreciado. Lá os ex-alunos continuam sentimentalmente ligados à universidade da sua adolescência, frequentam as tradicionais e famosas "Alumni Associations', voltam ao **Campus** com flâmulas e bandeiras, camisas e gorros dos velhos tempos, nas grandes datas e a qualquer pretexto, desfilam pelas ruas, orgulhosos, ao lado dos "freshmen' e dos "sophomores", muitas vezes seus próprios filhos. Enfim, mantêm bem aceso o fogo sagrado, cultivam e procuram eternizar, a seu modo, aquilo que estamos chamando espírito universitário.

Senhores — Até agora, falei apenas, talvez demais, sobre o que, lá por fora, tenho visto e apreciado.

E aqui, na Universidade Federal de Pernambuco, o que se fez, o que se vem fazendo, o que se pretende fazer naquele sentido?

Sei, todos nós sabemos, que o Magnífico Reitor Marcionilo de Barros Lins vem dando todo o seu exaltado amor pela instituição que dirige e através de numerosas diligências tenta, direta ou indiretamente, fazer com que aqui floresça uma autêntica consciência universitária.

Conheço, de perto e não posso deixar de aplaudir, as iniciativas verdadeiramente notáveis do Pró-Reitor Paulo Frederico Maciel neste mesmo sentido; acompanho, com igual entusiasmo, o trabalho do também Pró-Reitor Armando Samico, ensaiando conduzir a ação civilizadora da universidade ao interior, tentando levar a arte — música, pintura, literatura — e as ciências em geral a todas as camadas da população. Aí está a TV Educativa, atingindo, triunfante, seu destino cultural, para citar apenas mais um dos múltiplos empreendimentos de uma Pró-Reitoria que, bem apropriadamente, se denomina "para assuntos comunitários".

Aí está, do mesmo modo, o Seminário de Tropicologia — tipo Tannebaum, coordenado superiormente por Gilberto Freyre e que reúne homens de estudo universitário com pessoas de diferentes saberes, em favor da cultura, do desenvolvimento, da compreensão e da paz.

Conheço quanto é cuidadoso e inteligente o planejamento do Pró-Reitor Heleno Castelar e de seus lúcidos auxiliares, como reconheço quanto se esforçam os demais responsáveis pelos destinos da instituição para que ela cumpra os difíceis e sob certo aspecto, graves compromissos de ordem cultural.

Não se pode, todavia, nem se deve, tudo esperar do alto, do comando, da administração. Ninguém tem o direito de supôr que o chamado "espírito universitário" brote, repentinamente, como que por milagre, de um Decreto ministerial ou em decorrência de uma Portaria do Reitor. Este poderá apenas facilitar, dar os instrumentos, fornecer os meios.

O sentimento, a consciência, tem que ser formado, como se vem fazendo aqui, sutilmente, devagar, por diferentes caminhos, mas é preciso, é essencial mesmo, que haja colaboração total por parte dos que constituem a universidade, dos que a fazem, de toda a comunidade, de toda a gente, com ou sem vínculos oficiais com a instituição.

Deve ser uma aspiração geral, uma filosofia de vida comunitária como costumava ser na Idade Média, berço da verdadeira universidade, quando, como lembra Georges Gusdorf no seu grande livro "L'université en question", ela era considerada "um corpo cujos interesses são comuns e comuns as responsabilidades", "uma organização social corporativa onde há lugar, ao lado das associações de operários ou de ourives para uma companhia, um **cosortium** ou uma corporação reunindo os que ensinam e os ensinados". Corporação, este é que é o nome. Este é que é o Ideal.

Não esperemos que tal espírito seja criado por um ato do Reitor, repito.

"A universidade vem nos dar, segundo Anísio Teixeira, disciplina, ordem, sentido comuns e capacidade de esforço em comum".

É exatamente daí, do esforço conjunto, que há de vir, em toda a sua esplêndida grandeza, com toda a sua opulência de benefícios, o espirito universitário.

Desde o Magnífico Reitor até o mais humilde aluno, todos, têm que contribuir para criá-lo, para robustecê-lo. E mais: este espírito deve impregnar o coração e a Inteligência de cada um dos membros da comunidade, sejam eles ricos ou pobres, velhos ou moços, brancos ou de côr.

Lembro-me de um certo motorista, gorducho, de bochechas vermelhas e cabelos grisalhos que, em tarde gelada de inverno, me conduziu do hotel ao Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo e que, ao passar diante de um dos prédios monumentais do belo **Campus** universitário, me disse, em um alemão que eu pude compreender: "Esta é a minha universidade". Surpreendido, perguntei: "E você estuda nela?" A resposta não se fez demorar: "Infelizmente não, não tenho tempo, mas é a universidade de Hamburgo; é, portanto, minha universidade e eu me orgulho dela".

Também recordo-me do que escutei — já faz tempo — da filhinha de amigo querido, americano de Philadelphia. Brincando com flâmulas e bandeiras da Universidade de Pennsylvania gritava, com toda a força dos seus frágeis pulmões "Viva minha universidade". E, em tom explicativo, segredava-me ao ouvido: "Quero muito bem a ela; quando eu crescer vou para lá".

Que magníficos exemplos do espírito universitário, o mais genuino, de quantos tenho testemunhado, florescendo exuberantemente em um velho e em uma criança, sem qualquer convencional ligação com as instituições tão do seu coração.

É esta atmosfera que precisamos criar. É este ar que devemos respirar. Só então poderemos dizer, sem qualquer restrição mental: temos uma universidade.

Doença de velhos está atingindo jovens e crianças

A Artrose — processo degenerativo articular que acomete, geralmente, pessoas com mais de 40 anos de Idade — está atingindo, também, jovens e crianças, conforme demonstrou o professor Samuel Roimicher, da Guanabara, durante a III Jornada Brasileira de Reumatologia realizada no Recife, este mês. O professor Roimicher chegou a esta conclusão após realizar estudos histopatológicos e cultura da cartilagem articular.

A III Jornada Brasileira de Reumatologia — organizada pela Sociedade Pernambucana e patrocinada pela Sociedade Brasileira de Reumatologia e coordenada pelos professores Geová Figueiredo e Geraldo Gomes, da Disciplina de Reumatologia, da Universidade Federal de Pernambuco — contou com a participação de 300 especialista, Clínicos e estudantes de medicina e de fisioterapia.

O professor Edgar Magalhães Gomes, da Guanabara, proferiu conferência sobre Febre Reumática, mostrando a alta incidência de morbidez no Brasil, provocada pelas sequelas cardíacas dessa enfermidade.

O professor Charles Menck, da Universidade de Paris, mostrou, por sua vez, durante uma conferência, que estudos mais sistematizados poderão diminuir a incidência da Condrocalcinose Articular. Enquanto isso o professor Osvaldo Garcia Mateo, da Argentina, apresentou resultados cirúrgicos extraordinarios na Artrite Reumatoide Infanto-juvenil, e o presidente da Liga Pan-Americana Contra o Reumatismo, professor Píndaro Martinez, do México, falou sobre as normas de como devem ser elaboradas as pesquisas em Reumatologia.

As doenças do Colageno foram motivo de um simpósio realizado pelos professores Paulo Borba, do Recife, e Jacques Houll e Loius Vertzman, da Guanabara. Com apresentações clínicas das mais variadas formas, concluíram que estas doenças apresentam, no Brasil, uma grande Incidência.

Ao final da jornada, o reitor da Universidade Federal de Pernambuco, professor Marcionilo de Barros Lins, e os professores Paulo de Queiroz Borba, Charles Menck, Osvaldo Garcia Morteo e Edgar Magalhães Gomes foram agraciados com o título de Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Reumatologia.

Da esquerda para a direita os professores Geraldo Gomes, Edgar Magalhães Gomes, Adil M. Samara (presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia), Geová Figueiredo (prs. da Soc. Pernambucana de (Reumatologia), Pindaro Martinez Elizondo (presidente da Liga Panamericana contra o Reumatismo), Charles Menck (da Universidade de Paris), Bruno Maia (presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco).

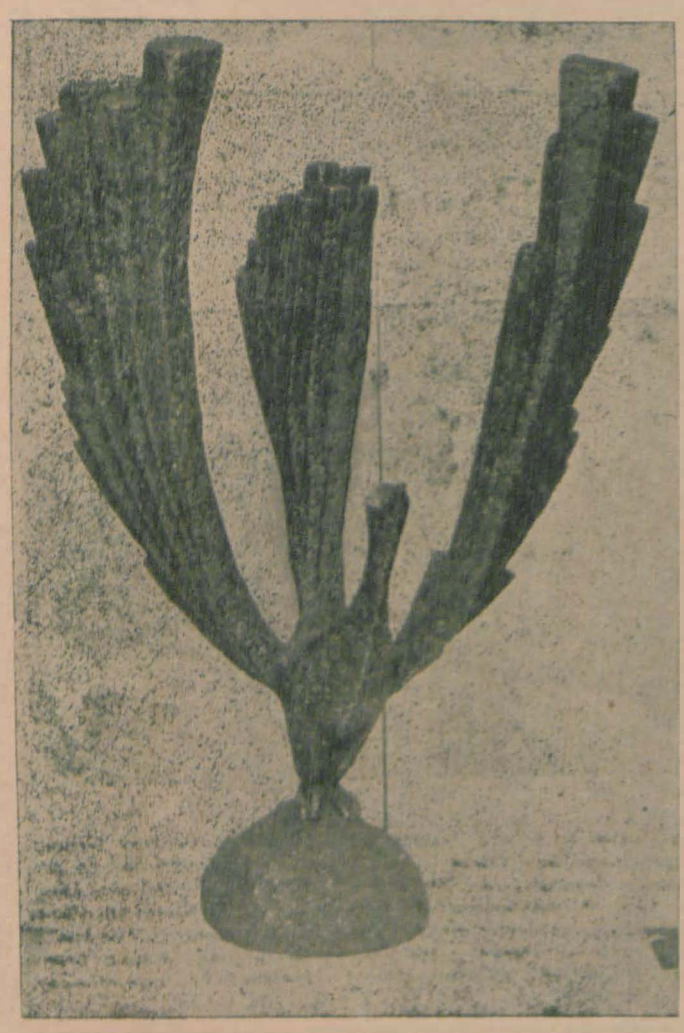
O Vôo Impossível de Corbiniano

Embora extremamente organizado, a ponto de chegar em seu atelier todos os dias às 7 horas da manhã, não faz da arte uma forma de luta ou de agressão ao mundo, mas o cumprimento, apenas, de uma necessidade que não pode reprimir. Arredio, esquisito, simpático, porém jamais polêmico, acha, na sua humildade, que todo homem deseja empreender um vôo impossível que se esbarra sempre com a determinação das circunstâncias e com as inevitáveis exigências de acomodação ao cotidiano. O "Vôo impossível" — constante preocupação desse homem aparentemente despreocupado com a metafísica — é, por sinal, o título de uma escultura sua em metal.

Descendendo, pelo lado paterno, de holandeses, e pelo materno, de negros escravos africanos, Corbiniano é dono de uma arte visceralmente ligada às raízes populares, onde o componente africano serve de motivação para todo o seu trabalho criador. A presença do afro-brasileirismo constitui no elemento motivador por excelência de sua criação, que, por outro lado, guarda um caráter escultórico, talvez como herança de suas remotas origens holandesas. Fundamentalmente escultor, esse caráter escultórico se estende a todas as manifestações de sua arte, que, além da escultura, abarca o desenho, a pintura e a talha: esta última em nada se assemelhando, por seu processo artesanal, com aquilo que comumente é conhecido como talha, tratando-se antes de uma **pintura talhada** do que de talha propriamente dita. Trabalhando ainda com gravura e xilogravura, Corbiniano manifesta sempre, em qualquer peça artística de sua lavra, uma linha sacral e hierática que iremos encontrar, por exemplo, nas figuras do escultor inglês Henry Moore e dos conjuntos metálicos do alemão Fritz Koening.

As figuras de Corbiniano são geralmente alongadas ou longilíneas, tal forma dando uma particular e inconfundível beleza à sua obra. Para um falso observador a arte de Corbiniano, pelo traçado aristocrático das suas linhas, parece desligada do povo. Corbiniano responde a tais insinuações não somente com a presença constante de temas populares, mas também com uma forma de conceber o povo, que é completamente diferente da maneira das elites o encararem, geralmente demagógica apesar do ar falsamente compassivo. Confessa Corbiniano: "Há duas maneiras de ver o povo: a dos que se colocam numa posição superior, vendo apenas miséria e sofrimento nele, e a dos que se colocam ao lado desse povo e como parte desse povo". A arte de Corbiniano descende, em linha reta, dessa segunda maneira de ver o povo, que é pobre mas capaz de gastar fortunas incríveis em fantasias e vestes rituais de seus cultos, sendo menos infeliz em sua fome do que aqueles que fazem da fome uma concepção do mundo.

Esteticamente, Corbiniano vê as coisas transfigurando-as, dando uma forma de superior teor artístico que ultrapassa o meramente pitoresco ou o imediatamente folclórico. Sendo um dos artistas brasileiros mais conhecidos aqui e no exterior, com exposições até na longínqua Mongólia, tudo indica que, na sua quieta maneira de fazer arte, sem estardalhaço nem ambição de chocar o mundo, Corbiniano Lins não irá parar tão cedo o seu **vôo impossível**, ainda que dê a impressão de não querer sair do lugar.



ORIGEM

José Corbiniano Lins nasceu em Olinda, a 2 de março de 1924. Estudou na Escola Técnica Federal onde fez seu primeiro curso de arte. Começou a pintar em 1949, participando pela primeira vez do salão oficial do Museu do Estado em 1950. Em 1952, ano de seu ingesso no atelier coletivo da sociedade de arte moderna do Recife, concorreu mais uma vez ao salão oficial do Estado, obtendo menção honrosa. É componente do Clube da Gravura da Sociedade de Arte Moderna do Recife e um dos seus fundadores. Em 1954, participou (e foi premiado) do salão oficial, da 1.ª Exposição do Atelier Coletivo.

PRÊMIOS

Expôs em Goiânia durante o 1.º Congresso Nacional de Intelectuais e fez parte da exposição de gravuras brasileiras realizada em 8 países da Europa, na Argentina e Mongólia. Em 1955, expôs no Clube Náutico Capibaribe, foi premiado pelo salão oficial do Estado, participou de uma exposição patrocinada pela Sociedade de Arte Moderna do Recife em Israel. Em 1957, foi distinguido com o 1.º Prêmio de Escultura do Salão Oficial do Estado e nesse mesmo ano gravuras suas, de Wellington Virgulino e Wilton Souza foram reunidas em álbum lançado pelo Clube de Gravura de Sociedade de Arte Moderna do Recife. Em 1958 conquistou novamente o 1.º prêmio do Salão Oficial e figurou em várias exposições coletivas. Em 1959 expôs individualmente no Recife: Galeria Lemac, Instituto dos Arquitetos, Teatro do Parque; e em São Paulo, no Clube dos Artistas. Em 1960 lançou, no Recife, um álbum com 10 xilogravuras. Em 1961 lançou seu 2.º álbum de gravuras, em côres. Em 1962 obteve 1.º prêmio de escultura em concurso instituído pelo Banco do Brasil, Agência do Recife.

OBRAS

Em 1963, obteve 1.º prêmio no concurso de cartazes promovido pela ARTENE — Artesanato do Nordeste — executou o monumento do 1.º Centenário de Campina Grande; utilizou o isopor em fundição artística. Em 1964 executou a sereia do mirante, Maceió; instalou atelier e Galeria de Arte em casarão adquirido em Olinda, Rua de São Bento, 154 (o qual em 1965 vendeu para um grupo de artistas); executou um painel para o edifício do Forum de Campina Grande e a figura símbolo do Clube do Trabalhador da mesma cidade; executou, para Fortaleza, os monumentos do vaqueiro e a Iracema e uma estátua de Iracema para a cidade do Ipu; executou o portão mural para o edifício Santo Antônio — Recife. Em 1967 pintou os painéis em azulejo (só montado em 1968) sobre as revoluções pernambucanas, 1817 a 1848, os quais juntamente com uma escultura de Santo Amaro estão decorando a Biblioteca Municipal de Santo Amaro — Recife. Monumento ao Trabalhador de Paulo Afonso. Decoração da catedral de Floresta dos Navios. Participou do Panorama da Arte Atual Brasileira (1969 e 1970) — MAM — São Paulo. Vence concurso para escultura do Banco do Brasil, agência Sto. Antonio — Recife; lançou álbuns Xangô nºs 1 e 2, em serigrafia. 1970 e 1973 além de um com xilogravuras editado pela Imprensa Universitária da UFPe. Tem escultura no acervo do Museu de Arte Moderna — São Paulo; é membro do Conselho Municipal de Cultura do Recife; Executa escultura (banhista) para estação de tratamento dágua do Tapacurá — Pernambuco. Além dos trabalhos citados, encontram-se esculturas murais e painéis de sua autoria em numerosos edifícios públicos, igrejas e residências do Recife e outras grandes cidades brasileiras. Nos ultimos cinco anos ilustrou livros e participou de exposições em São Paulo, Rio, Salvador e Recife. Além da I Bienal Nacional de Artes Plásticas (1966). Medalha Pernambucana do mérito, de Bronze, pelo Govêrno do Estado de P., em 1963.

Prédios refletem a história das diversas fases da vida do Recife

Existem igrejas, prédios e logradouros públicos no Recife que relatam a história da cidade, em particular, e do Estado, em geral, a par da beleza paisagística que estão a oferecer.

Na pequenina igreja de Santo Amaro das Salinas, no bairro de Santo Antônio, parece que ainda assistimos — num rasgo um tanto romântico — à luta dos nossos antepassados contra o domínio holandês. A importância do Teatro Santa Isabel, encravado na Praça da República, resistindo ao tempo e à indiferença dos homens, parece transmitir, ainda, as vozes mortas dos nossos primeiros teatrólogos, atrizes e atores, principalmente a luta de Castro Alves contra a escravidão; sem falar na tradicional Faculdade de Direito,. E a Praça da Independência, bem no coração do Recife, traz o marco de ser o primeiro grande centro comercial da cidade, iniciando a nossa história econômica.

IGREJAS

Em 11 de julho de 1630, os holandeses invadiram o forte e a vasta propriedade conhecida como as salinas — onde eram mantidos grandes serviços de aproveitamento de sal, daí o seu nome — da propriedade do sr. Francisco do Rego Barros. A luta se desenvolveu durante muitas horas e os pernambucanos mostraram muita garra, a ponto de os batavos imaginarem que tínhamos um exército poderoso e superior ao deles. Desta vez não foi possível a tomada da situação. Entretanto, mais preparados, os estrangeiros voltaram no dia 23 de setembro do mesmo ano. O forte foi tomado. Francisco do Rego Barros juntou os seus homens e apresentou-se a Matias de Albuquerque, para lutar por Pernambuco e tentar a reconquista do seu forte.

Embora com um exército pequeno, mas ainda assim audaciosamente lutador, Rego Barros travou, no dia 15 de janeiro de 1654, uma nova batalha com os holandeses para tentar reaver as suas terras. Segundo os historiadores: aconteceu um milagre! Muito sangue foi derramado, um enorme esforço despreendido, entretanto, ao cabo de várias horas de renhida luta, os holandeses bateram em retirada. Os pernambucanos gritavam alegres: era a vitória. O forte de Francisco do Rego Barros estava reconquistado.

Entretanto, somente em 1681, a então capela de Santo Amaro das Salinas foi fundada pelo filho de Francisco, Luís do Rego Barros. A capela foi construida sobre as ruínas do forte, sob a invocação de Santo Amaro que havia sido sempre o grande protetor do seu pai. Em 1870, a capela começou a ser administrada pela irmandade de Santo Amaro.

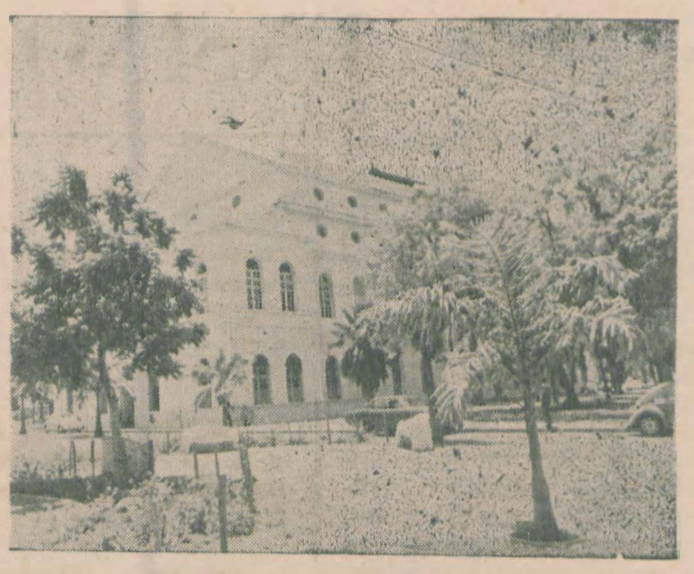
N.S. DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

O estudioso Domingos Loureto Couto informa que, "os homens pretos e cativos se mostravam tão afetuosos no amor e serviço da Mãe de Deus, a Senhora do Rosário, que eles mesmos, ainda que pobres, resolveram fundar uma formosa igreja em que eles são os fundadores e administradores. É este um templo de curiosa e suntuosa estrutura e seu frontispício, pomposa fábrica de pedra branca, é admirável desempenho da arquitetura edificativa".

É este um exemplo notável da participação do negro — cada vez mais enriquecida e verdadeiramente invejável — na História e na formação cultural do nosso povo. Não eram apenas os trabalhadores braçais, moleques de recado, humilhados e ofendidos, adoradores de deuses profanos, bebedores de aguardentes, patrocinadores de brigas e confusões. Também participaram da própria história religiosa do País construindo um templo que hoje fica situado na rua Estreita do Rosário, nas proximidades da Praça da Independência, no bairro de Santo Antônio.

Segundo o historiador Flávio Guerra, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi fundada mesmo em meados do século XVII. Anota que sua construção foi iniciada pouco antes de 1725 e somente concluida em 1777. Entretanto, o estudioso Pereira da Costa, autor dos "Anais Pernambucanos", informa, citando um possível relatório da Irmandade, que em 1678 referia-se a "um pau de jacarandá com o qual se fez o púlpito", do templo. E acrescenta, ainda, que em 1699, a Irmandade gastou cerca de 229$750 para o "douramento do retábulo da capela-mor".

Essas informações muito desencontradas não invalidam, entretanto, a notícia dos verdadeiros fundadores da Igreja:



os homens pretos de Pernambuco, os homens pretos da cidade de Santo Antônio do Recife. Os membros construtores do templo faziam parte da nação africana "Congo" que tinha como padroeira Nossa Senhora do Rosário. Dessa forma, verifica-se os primórdios do nosso sincretismo religioso, onde nas mais diversas festas populares, os santos aparecerem misturados com as figuras profanas das seitas, sem que isso venha a representar nenhum desrespeito contra o Sagrado.

CONCATEDRAL DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS

Este templo não foi palco de lutas pela Independência, nem construido através do suor e do cansaço dos homens pretos de Pernambucos, adoradores das imagens sagradas. Entretanto, figura na história religiosa de Pernambuco como um dos mais belos templos de todo o País, a representar todo o esplendor de uma época onde os homens faziam todos os sacrifícios para estarem mais perto do Sagrado.

O escritor José Condé, autor de "Terra de Caruaru" e "Os Dias Antigos", considerava a Igreja de São Pedro dos Clérigos, localizada no turístico Pátio de São Pedro, no bairro de São José, como uma das mais bonitas e perfeitas da capital pernambucana. Enquanto isso, o escritor riograndense do Norte Luís da Câmara Cascudo referiu-se assim a esse templo: "A porta principal, ladeada por colunas duplas, é de efeito inesquecível". E o historiador Flávio Guerra acrescenta: "A velha igreja ainda é soberba em seus traços arquitetônicos, lembrando o Santuário de Santa Maria, de Roma, também em sua nave em estilo otagonal encimada por um grande painel, que se estende por quase todo o teto e representando a apóstolo São Pedro no seu clássico gesto de bênção".

A idéia da fundação da Igreja surgiu em princípios do século XVII, quando foi criada, no Recife, a Irmandade de São Pedro dos Clérigos, segundo uma deliberação do Bispo D. Fr. Francisco de Lima. Entretanto, a autorização para a construção do templo somente foi dada pelo bispo dom José Fialho em 30 de abril de 1728, em terreno adquirido pela Irmandade ao padre Agostinho Cabral de Almeida. Mesmo assim, os trabalhos somente foram concluidos em 1782, depois de 54 anos de multas lutas e sacrifícios. Por duas vezes, os integrantes chegaram a pedir ajuda ao Rei de Portugal porque eram pobres e as dívidas se acumulavam cada vez mais, impedindo assim, que as obras pudessem se desenvolver com maior rapidez.

O pintor João de Deus Sepúlveda, contando com a colaboração de um ajudante, realizou os trabalhos de ornamentação do teto e de algumas laterais, cobrando pelo serviço 450$000, o que foi considerado caríssimo pela Irmandade. As tintas para a realização do seu trabalho vieram de Lisboa. Conta-se que ele passava horas e horas trabalhando sentado numa pequena "cama de lona" suspensa por finas cordas.

SÃO JOSÉ DOS MANGUINHOS

Esta Igreja, que hoje fica vizinha ao Palácio dos Manguinhos, do arcebispado, não tem data exata de criação. Foi fundada, possivelmente, em meados de 1741, conforme informa o historiador Flávio Guerra. Enquanto isso, o seu fundador teria sido o padre Francisco de Sales e Silva, que era filho do capitão Sales e Silva, "homem de letras e autor dramático".

Em 7 de julho de 1790, Manuel de Carvalho Medeiros foi nomeado administrador da capelinha, função que exerceu até 1828, sendo substituido pelo seu genro, Gaudino Agostinho de Barros, que foi assassinado em 1831, lutando ao lado de Nunes Machado. Entretanto, somente em 1845 é que sofreu a primeira reforma, por iniciativa do Visconde de Lóio. Em 1870 já estava sob a jurisdição da Mitra, tendo servido de igreja matriz da paróquia das Graças até o ano de 1878.

Embora ligada ao prédio do arcebispado é administrada pela Irmandade das Almas do Recife. Sofreu outra restauração em 1913.

TEATRO SANTA ISABEL

Até 1850 o Recife não dispunha de boas casas de espetáculos, embora algumas companhias teatrais costumas sem levar peças, mesmo sob os apupos da platéia. O que melhor representava o teatro pernambucano era a chamada "Casa de Ópera", que apesar de pequenina e mal instalada, acolheu companhias estrangeiras, como uma lírica italiana que apresentava peças de Rossini, Mayerbeer, Mercandante e outros. Em 1830, o nosso teatro apresentava-se de tal forma degenerado, que o padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o "Padre Carapuceiro" dizia: "O nosso teatro está tão relaxado e imoral, que a mor parte dos paes de família siduos, e honrados, não ousam levar à semelhante casa suas senhora e filhas. Qual é o homem de bem que poderá sofrer de sangue frio que sua família seja espectadora das obcenidades e torpezas que ali se dizem? Que escandalosos duetos, que danças lascivas, que equívocos deshonestíssimos não aparecem alli? É então que as palmas redobram na platéia e em todo o teatro; é então que se ouve de todas as partes o "da copo", isto é, exigir que se repita o que no meio de um povo morigerado nunca apareceria em scena".

Entretanto, em 18 de maio de 1850 foi inaugurado o Teatro Santa Isabel, com um grande espetáculo, sob a responsabilidade da companhia de Germano Francisco de Oliveira. Segundo Samuel Campelo, em estudo publicado no "Livro do Nordeste", comemorativo do 1.º Centenário do DIÁRIO DE PERNAMBUCO", a companhia era dramática, tendo no repertório dezoito peças e do seu elenco faziam parte, além do diretor, Pedro Batista de Santa Rosa, pernambucano de muita propensão para a arte; Antônio José Duarte Coimbra, Joana Januária que contava muitos admiradores devido à sua voz bem timbrada e que enchia, às vezes, os espetáculos com alguns números de canto; Maria da Soledade, e outros de menor vulto".

Entretanto, o Teatro Santa Isabel foi praticamente destruído por um violento incêndio em 1869. Logo foram iniciadas as obras de reconstrução, concluidas em 1876. Samuel Campelo revela que "enquanto se reconstruia o nosso maior teatro foram levantados dois teatros de madeira, um no Campo de Palácio (hoje Praça da República) e outro na rua das Florentinas onde trabalharam sociedades de amadores e algumas companhias de zarzuelas espanholas, de operetas francesas e outros gêneros.

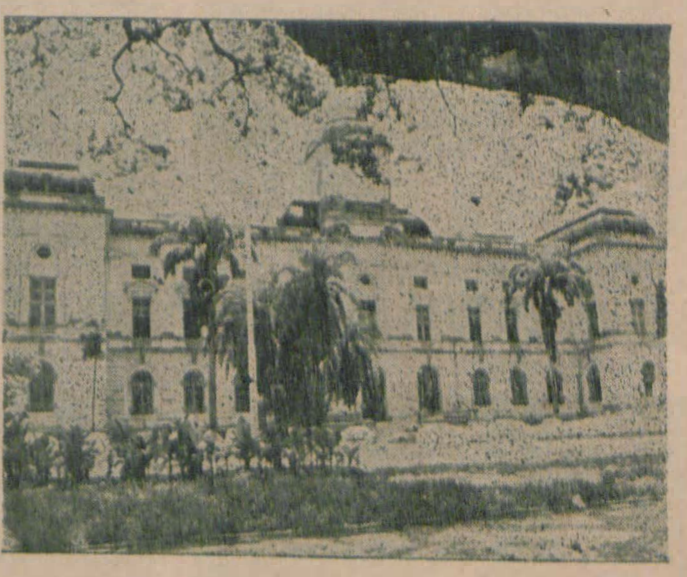
Mesmo assim, o Teatro Santa Isabel não foi palco apenas de peças teatrais, operetas, e encenações. Nele, os pernambucanos assistiram, também, à grande luta pela abolição, com Castro Alves, muito jovem e simpático, levantando platéias com os seus poemas. Foi palco do famoso entrevero que o Poeta da Abolição travou com Tobias Barreto, além de registrar inúmeras cerimônias e conferências de notáveis brasileiros.

PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA

"Irregular e acaçapada, sem a simetria que hoje se observa, fora, a princípio, aquela praça denominada — Praça da Polé — um dos primeiros núcleos comerciais que estabeleceram os mascates, depois do bairro do Recife".

Foi assim que o historiador Francisco Pacífico do Amaral viu a Praça da Independência — onde fica encravado o prédio do centenário do DIÁRIO DE PERNAMBUCO. E acrescentava "Colocada em posição vantajosa, a referida praça era, guardadas as proporções, o mesmo que é presentemente, em relação ao tempo, muito concorrida, por ser o caminho mais curto e fácil para as pessoas que vinham do interior em demanda daquele bairro; quer elas viessem do da Boa Vista, quer de Afogados. As que não lhe talhavam o selo, a marginavam pelo lado que hoje tem o nome de rua Duque de Caxias; e por isso lembraram-se os mascates de assentar os seus primeiros estabelecimentos, na ilha de Antônio Vaz, que compreendia então o terreno ocupado pela freguesia de Santo Antônio e S. José, os quais estabelecimentos com o correr dos tempos foram aumentando, com pequena interrupção, até a ponte que existia edificada por Maurício de Nassau, e em cujo lugar presentemente se vê a que se denomina Sete de Setembro".

Esses subsídios, oferecidos pelo autor de "Escavações — Fatos da História de Pernambuco", servem para demonstrar o desenvolvimento comercial da cidade, começando pela construção de novas lojas e pequenos mercados, que registram a história econômica do Estado e da Região. Foi o governador Henrique Luíz quem tomou a iniciativa de construir os pequenos mercados. Conforme registra Francisco Pacífico do Amaral, a construção desses pequenos "compartimentos, os quais, no máximo, podiam ter quatro metros de fundo, parte firmado na ponte e outra sobre a água", tinham a finalidade de "dotar o Governo dos recursos necessários para a conservação das pontes". "E de fato — acrescenta — apenas concluidos os referidos estabelecimentos não faltaram alugadores, chegando eles a atingir a soma de 800$ anuais, bem alta na verdade para o tempo".



FACULDADE DE DIREITO

Marco da história cultural não apenas de Pernambuco e do Nordeste, mas, igualmente, do Brasil, a Faculdade de Direito do Recife, fundada em 1827, foi palco de grandes debates entre Tobias Barreto e Castro Alves. Acolheu grandes gerações de eméritos juristas. Entre os mais modernos, encontra-se, por exemplo, o jurista Pinto Ferreira que em memorável exame "agitou" os meios universitários pernambucanos. Suas teses e livros têm sido motivo de estudos e análises em vários centros de cultura no Brasil e no Exterior. Hoje, a Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco permanece como centro de cultura do mais alto interesse, revelando sempre um grande número de juristas e estudiosos que enriquecem os seus quadros A arquitetura do seu edifício chama a atenção de quantos passam diariamente pela Praça Adolfo Cirne.

NOVAS METAS AO ENSINO DE PÓS-GRADU

Lançamentos do Plano Nacional de Pós-Graduação e do Programa de Capacitação Institucional foram os principais objetivos da reunião promovida pelo Departamento de Assuntos Universitários e Conselho Deliberativo da Capes, este mês, no Recife, com a participação dos reitores do Norte e Nordeste, sob a presidência do professor Edson Machado, diretor do DAU.

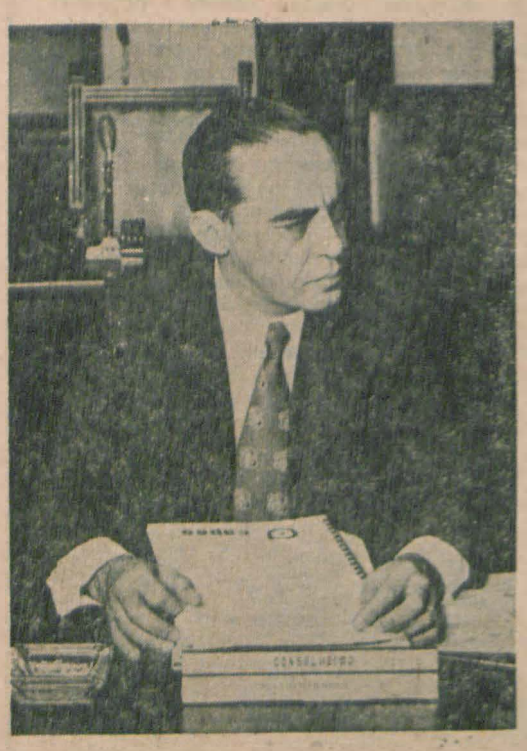
Ambos os projetos objetivam a normalização dos cursos de pós-graduação existentes e a política de expansão através da criação de novos cursos, no quinquênio 1975/79, em todo o País. O treinamento de docentes mereceu atenção especial, como meio indispensável para a consecução dos objetivos do Plano Nacional de Pós-Graduação e do Programa de Capacitação Institucional.

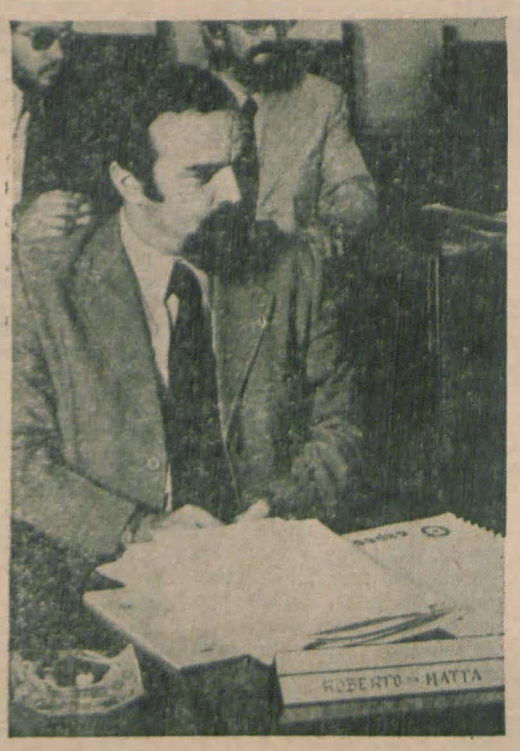
ESTRATÉGIA

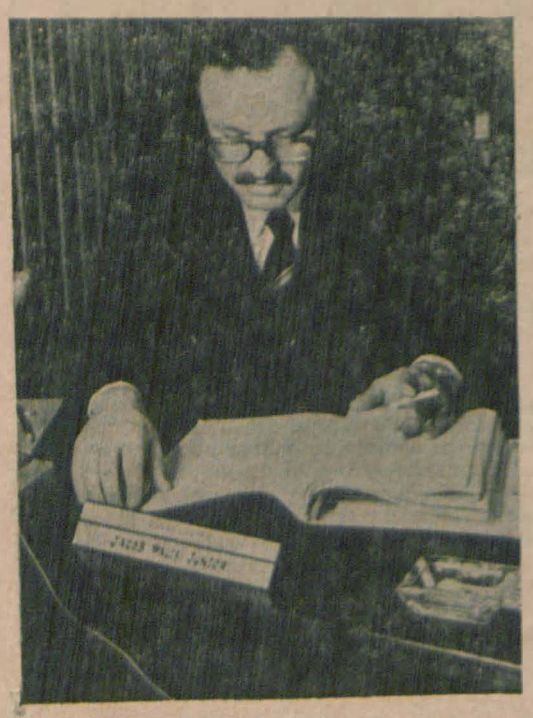
Coube ao diretor substituto da Capes, prof. Tarcísio Della Senta, fazer a apresentação aos reitores da estratégia do Projeto Norte e Nordeste, como parte do Plano Nacional de Pós-Graduação, ao mesmo tempo que foi dado a conhecer o objetivo do Programa de Capacitação Institucional.

Os trabalhos do Conselho Deliberativo da Capes foram coordenados pelo seu presidente, professor Darcy Closs. As sessões, realizadas no auditório da Reitoria da UFPe, foram presididas pelo reitor Marcionilo Lins, com a participação efetiva de reitores e dirigentes de instituições federais e particulares de todo o Norte e Nordeste, cada um apresentando seus problemas e pontos de vistas, mas convergindo para um mesmo fim: ampliação e aprimoramento do ensino e da pesquisa universitárias.

Foram designados os professores Manuel Formiga, da UFPe, e Paulo Elpídio de Menezes Neto, da Universidade Federal do Ceará, para a coordenação do Projeto Norte e Nordeste, como assessores da Capes.







O I Plano Nacional de Pós-Graduação, em consonância com o Programa Nacional de Pós-Graduação, definido no Plano Setorial de Educação e Cultura 1975/1979, estabelece como imprescindível a capacitação racional e sistemática dos docentes da rede de Ensino Superior no Barsil.

No desempenho de suas atribuições o DAU e a CAPES planejaram a organização de um Programa de Capacitação de Docentes, que, mediante o Modelo que ora se apresenta poderá:

- **orientar o planejamento da capacitação de docentes das Instituições brasileiras de Ensino Superior.**
- **propiciar às instituições de Ensino Superior condições para realização de seus planos de Capacitação de docentes.**

PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO

INSTITUCIONAL

JUSTIFICATIVA

Consciente de uma série de deficiências qualitativas e quantitativas no desempenho das Instituições de Ensino Superior no Brasil, vem o Ministério da Educação e Cultura procurando, através do processo de planejamento, controle e avaliação atender à política emanada tanto do I como do II Planos Nacionais de Desenvolvimento, no sentido de "qualificar os recursos humanos, para fazer face às necessidades de uma economia crescentemente complexa, urbanizada e industrializada".

Considerando a Universidade como setor de formação de Recursos Humanos necessários ao desenvolvimento sócio-econômico e à manutenção do equilíbrio de uma sociedade que cresce dia-a-dia, como também, considerando que a formação de seus próprios docentes deve ser um processo regularmente desenvolvido através de cursos de Pós-Graduação sensu stricto, e sensu lato, o I Plano Nacional de Pós-Graduação enfatiza a imperiosa necessidade de se buscar meios racionais para uma melhor capacitação de nossas Universidades.

Referindo-se especificamente ao Programa Institucional de Capacitação de Docentes, o I PNPG reveste de grande importância a graduação, destacando porém a Pós-Graduação, como fonte de Recursos Humanos necessários à própria execução de parte significativa desse Programa.

Considerando portanto, a atual política governamental, as diretrizes do Plano Setorial de Educação e Cultura 1975/1979 e do I Plano Nacional de Pós-Graduação, e observando tanto as análises de prioridade e necessidades regionais, como as deficiências de nossas Instituições de Ensino Superior, a CAPES e o DAU optaram pela realização de um Programa de Capacitação Institucional do Corpo Docente Universitário, mediante adoção de uma sistemática de planejamento que, tendo como ponto de partida os planos plurianuais de capacitação de docentes de cada Instituição, poderá promover o desenvolvimento integrado e orientado do Ensino Superior no Brasil.

Por outro lado, a programação e organização dos Planos de Capacitação Institucional teve como orientação básica, dois aspectos a serem considerados:

1. Diretrizes específicas do PNPG, que incluiram nos programas de capacitação de

- **uniformizar e sistemat... tação e os mecanismos ... desses planos de capa...**

Por outro lado, a prec... características de cada ... tante em todo o processo ... lo.

Com a implantação d... Ministério da Educação e C... órgãos DAU/CAPES, estr... Capacitação Institucional d... ra, a fim de que ela possa ... lização de suas funções ... Extensão, desempenhar ... universidade para o desen...

docentes visam ... seus cu... existente...

2. A ... de atu... derar ... ção cu... cursos ... ria nos ... na org... abrang... efetiva...

Ass... (órgão ... nanciam... de Ca... ganiz... tucio... com ... espec...

É ... ções: ... mente ... desen... o pre...

a) ...

As linhas gerais do Plano Nacional de Pós-Graduação são as seguintes:

O PNPG

1) NATUREZA E OBJETIVOS

Instrumento de execução no plano educacional-científico (subsistema de pós-graduação) das Políticas de Desenvolvimento Social e Econômico, com os quais deverá estar integrado.

PNPG-II PNO (PBDCT e PSEC)

2) FUNÇÕES

Planejar a formação e a diversificação dos Recursos Humanos, de maneira adequada aos propósitos nacionais de acumulação de patrimônio científico e cultural a longo prazo, assegurando a consecução dos objetivos mais simples da Política Educacional e das Políticas de Desenvolvimento Cultural, Científico e Tecnológico da sociedade brasileira, mediante:

a) Institucionalização do Sistema de Pós-graduação;
b) Elevação dos Padrões de desempenho;
c) Crescimento Planejado.

3) Crescimento do Sistema de Pós-Graduação

O planejamento do crescimento do Sistema terá em vista a expansão das áreas de trabalho científico-educacional, mediante um processo cumulativo, gerado a partir de investimentos estatais, objetivando, sobretudo:

a) a Expansão e a diversificação dos atuais cursos de mestrado;
b) a criação de novos cursos e centros de pesquisa.

Nas duas situações, o crescimento deve ser equilibrado e harmônico, segundo:

a) as áreas de conhecimento;
b) os níveis de formação;
c) as regiões do País.

4) Estratégia do Crescimento

Tanto a criação de novos cursos quanto a expansão dos programas existentes e em funcionamento terão que levar em conta um pressuposto fundamental — o da diversificação.

Na perspectiva em face da qual se coloca o PNPG, com vistas à formação de recursos humanos destinados ao ensino superior e às atividades de pesquisa, a diversificação das áreas de conhecimento do Sistema de pós-graduação resultará de "uma polarização geo-educacional coerente com as expansões geo-sociais previstas para o período no âmbito dos planos Nacionais de Desenvolvimento Econômico e Social" PNPG 3.3.3.

Essa orientação atribui ênfase particular às necessidades sócio-econômicas regionais, às projeções da sua expansão e, sobretudo, às previsões contidas nos diversos planos governamentais de desenvolvimento regional.

Reconhece, ainda, o ... lativo do crescimento se... do o atendimento das ... Mestrado e Doutorado p... quisadores para as áreas ... **res e regiões onde não ... ra"**. PNPG 3.3.3.p.37.

A formação ordenada ... requer participação sign... todo, pois ela, em ger... matriz de trabalho educ...

"Nas opções entre ... conta as possibilidades ... que não se agrave a con... tituições onde o potencial ... **gicamente** conveniente ... Doutoramento, o investim... possível para que as ins... por restrições de potenc...

PROJETO NORTE-NORDES... DUAÇÃO

A estratégia básica ... Pós-graduação na Região ...
a) No planejamento ord... diversificação dos c... mento;
b) Na criação de novos ... servada a orientação ... de conhecimento.

A expansão dos cursos ... cursos deverão atender a ...

A diversificação das ... veis de formação deverá ... especificidades sócio-ec... lidades institucionais, à P... Desenvolvimento Cultural ... tas pela ação governamen... ção de docentes sem gra... necessários para a expan... para o atendimento da ...

Como demache inici... sificação das áreas de ... pectiva do crescimento ... Nordeste, propõe-se con...
a) das condições sócio-... ções da sua evolução ...
b) das prioridades con... líticas de Desenvolvi... lógico para o nosso ...
c) das especificidades ... justificaram uma mai... nhecimento, entrando ... da concentração regi...
d) das potencialidades ... gião, com relação a ... ferências do crescim...

ÇÃO

na de apresen-
ble a avaliação

am atender às
foi uma cons-
ação do Mode-

te Modelo, o
través de seus
uindo com a
idade brasilei-
e a plena rea-
, Pesquisa e
seu papel de
o.

Instituições carentes de
uação, como aquelas que
pessoal docente para
trado e/ou Doutorado, já
vistos para o quinquênio.

uma nova metodologia
ES, que passou a consi-
ente Primordial a Institui-
não apenas os bolsistas e
ação isolados, como ocor-
res. Tal mudança implica
um planejamento mais
stituições que pretendem
amento de seus docentes.

endimento com o DAU
nsável pelo apoio fi-
à execução dos Planos
APES programou a or-
Capacitação Insti-
es, procurando atender
odelo as necessidades
Instituição.

ando todas as interrela-
rganismos e particular-
U, que a CAPES, no
as atribuições, prepara
o intuito de:

aboração dos Planos;

b) simplificar o processo de análise e aprovação dos Planos;
c) facilitar e racionalizar a execução dos mesmos;
d) garantir o acompanhamento, controle e avaliação de ação a ser empreendida e dos resultados esperados.

Assim, a estrutura do modelo, além de atender às necessidades de análises, pela CAPES, de operação, pela Instituição, pelo DAU e pela CAPES, e de acompanhamento, controle e avaliação pela CAPES e pela Instituição, facilita a própria elaboração dos Planos, mediante apresentação de formulários com as respectivas Instruções Indispensáveis ao esclarecimento dos mecanismos de preenchimento.

REQUISITOS

Parar garantir maior eficácia na Implantação do Progarama de Capacitação Institucional do Corpo Docente das Universidades foram estabelecidos alguns requisitos considerados como fundamentais para o efetivo alcance daquilo a que se propõe o Modelo que ora se apresenta.

Assim, para que um Plano de Capacitação Institucional seja organizado de forma adequada e suscetível de aprovação pelos órgãos competentes — CAPES/DAU — é preciso, não só que as metas sejam definidas segundo prioridades e necessidades observadas em planos nacionais, regionais e Institucionais, como também, que sejam considerados os seguintes requisitos fundamentais:

a) Criação pela Instituição, de uma Comissão Permanente que terá como atribuição o planejemento, coordenação e superintendência do Programa de Capacitação de Docentes, e será ligada ao Reitor com funções tanto de assessoria como deliberativas.

C.A.P.D. Indicação a CAPES do responsavel

b) Elaboração do Plano Quinquenal, e do plano Operativo Anual conforme Modelo apresentado pela CAPES.

Detalhes para 76 e dados gerais para 77/79

c) Seleção de docentes e/ou recém-graduados conforme critérios e prioridades sugeridas pelo próprio Modelo e a serem estabelecidos e/ou definidos ela Comissão já mencionada.
Com têrmo de compromisso para os bolsistas de retorno à Universidade Bolsa Cr$ 2000,00 mais 1000,00 — Sistema de Fiança responsável

d) Envio dos candidatos aos Centros e cursos de Pós-Graduação que apresentam garantias de qualidade, ou seja, a Centros Credenciados pelo CFE ou Reconhecidos como Centros de Excelência pelo CNPg. Não redução ao Tempo de Trabalho (regime).

e) Criação de condições para substituição dos docentes em treinamento, ou pela contratação de novos professores, ou mediante mecanismos de rodízios de professores que poderão ter a carga horária intensificada. Como aproveitar os substitutos projeção do aproveitamento dos substitutos.

f) Absorção e/ou reabsorção pela Instituição de origem de todos docentes e/ou recém-graduados que receberam cursos de treinamento.
Comportamento da Univer. com os elementos que saíram para treinamento em mestrado.

g) Contratação dos mestres e doutores orlundos dos cursos de capacitação em Regime de Tempo Integral.

h) Criação de condições básicas mínimas necessárias ao efetivo aproveitamento dos mestres e doutores recém-formados, para que possam bem introduzir inovações, realizar pesquisas e desenvolver uma metodologia de ensino mais eficaz.

— Não há, na administração superior do Ministério, o menor receio pelo surgimento de novas universidades, desde que tais universidades, sigam o processo evolutivo adequado a toda e qualquer unidade de ensino superior — afirmou o prof. Edson Machado, diretor do Departamento de Assuntos Universitários, durante a reunião.

O professor Edson Machado discorreu a respeito de alguns dos temas mais candentes da alta administração do MEC, um dos quais é da criação e apoio aos novos cursos de pós-graduação, o qual mereceu observações relevantes. Ele afirmou que "a pós-graduação deve ser uma atividade regular dentro da Universidade, mesmo porque graduação e pós-graduação são elementos que devem estar perfeitamente articulados. E, agora, mais do que nunca, a Universidade necessita de professores realmente qualificados para ministrar as disciplinas constantes dos programas de pós-graduação, tanto no campo das Ciências Básicas como no das Ciências Humanas".

Em relação aos exames de qualificação para os cursos de Mestrado, outras observações estavam reservadas pelo professor Edson Machado. Tais observações partiram da premissa de que mesmo os membros do corpo docente universitário podem não obter a desajada classificação. " O processo de seleção ao Mestrado não pode ser violentado, de modo que, o fato de um membro do corpo docente não ter acesso ao anslado curso,deve ser encarado como coisa absolutamente normal, levando-se em conta a alternativa de que ele não estava realmente preparado para tal, e, conseqüentemente, a vaga que seria sua foi obviamente ocupada por um candidato mais qualificado", disse.

Um dos mais sérios problemas da Universidade brasileira é, sem dúvida, aquele que se relaciona com a sua capacidade de absorver os milhares de jovens que, ultrapassadas as etapas que vão do curso primário ao colegial, batem-lhe as portas em busca de uma maior e mais promissora oportunidade. Há unanimidade em torno da impressão de que o número desses jovens é muito mais significativo do que o de vagas disponíveis. Sobretudo nas universidades nordestinas. É o professor Edson Machado quem comenta: "A capacidade de atendimento nas universidades do Nordeste é, ainda muito pequena; mas não podemos deixar de ter em mente o fato de a demanda ser invariavelmente grande.

Ao fim da sessão o professor Marcionilio da Barros Lins declarou-se satisfeito com o diálogo, e, aproveitando a ocasião, afirmou que "a UFPe deve dar expansão a uma nova fonte de captação de recursos, sobretudo através de convênios". Solicitou, porém, a redução dos trâmites burocráticos, salientando que, visando a eloboração de programas, alguns processos foram encaminhados há mais de dois anos, e permanecem ainda sem uma resposta adequada". A burocracia dificulta a importação dos produtos, como certas drogas, por exemplo, que não existem no Brasil", concluiu.

o maior efeito cumu-
quando for assegura-
criação de cursos de
o de docentes e pes-
ticularmente nos seto-
desenvolvidos até ago-

de Recursos Humanos
ersidade como um
as atividades de
PNPG 3.3.3.,p.39.

, serão levadas em
ão e polarização para
al e setorial nas Ins-
ixo, mas por estrate-
cursos de Mestrado e
r feito o quanto antes
s não sejam tolhidas
3.3.,p.39.

STEMA DE PÓS-GRA-

mento do sistema de
País implicará:
librado da expansão e
ntes e em funciona-

ntros de pesquisa, ob-
versificação das áreas

s e a criação de novos
da **diversificação**.

onhecimento e dos ní-
der, por sua parte às
gionais, às potencia-
sional e às Políticas de
e Tecnológico previs-
esidades de qualifica-
ou de novos docentes
uação e da pesquisa e
mercado de trabalho.
o, com vistas à diver-
preferenciais, na pers-
de pós-graduação no
eliminar a avaliação:
Regionais e das proje-
abrangido pelo PND:
II PNO quaato às Po-
nal, Científico e Tecno-

is, susceptiveis se
ação de áreas de co-
quência o agravamento

ões que atuam na re-
ias admitidas como re-
ima.

PLANO DO PROJETO

1. Apresentação
   O Planejamento do crescimento do Sistema de Pós-graduação na região, sua articulação com o II PND e com o PNPG.
2. Avaliação das condições Sócio-econômicas regionais e das projeções de sua evolução até 1980.
3. Avaliação da Política Educacional e das Políticas de Desenvolvimento Cultural, Científico e Tecnológico previstas pelo II PND (PBDCT e PSEC) e pelo PNPG.
4. Avaliação das especificidades Intra-regionais, suceíveis de justificar uma maior diversificação de subsetores (ou sub-áreas de conhecimento), em conformidade com linhas de pesquisa preferenciais.

5. Análise Institucional

5.1 Situação do ensino de graduação (?)
(Instituições, Setores, efetivos docentes, população escolar ou vagas p/ Ingresso por Estado)
5.2 Linhas de Pesquisa
(Instituições, setores e subsetores, efetivos do pessoal de pesquisa)
5.3 Situação da Pós-graduação **sensu latu**
(cursos de aperfeiçoamento, treinamento e especialização — Instituições, setores e subsetores, efetivos docentes, efetivo de alunos)
5.4 Cursos de Pós-graduação **Sensu Strictu** existentes e em funcionamento (credenciados)
5.4.1. (Instituições, cursos, setores, subsetores, efetivos docentes, efetivo de alunos)
5.4.2. Linhas de pesquisa (associadas à Pós-graduação sensu strictu) programas existentes
5.4.3. Pessoal Docente e de Pesquisa em atividade na Instituição (Pós-graduação) (ou programas existentes)
5.4.4. Pessoal Docente e de Pesquisa em atividade fora da sua Instituição (Pós-graduação)
5.4.5. Pessoal de apoio Técnico e Administrativo
5.4.6. Recursos Bibliográficos da Área (Prog. existentes)
5.4.7. Distribuição do Espaço Físico (Prog. existente)
5.4.8. Corpo Discente em março de 1975 (Prog. exist.)
5.4.9. Graus de Mestre e Doutores concedidos no período 1969/1974
5.4.10. Bolsistas nas Instituições, em agosto de 1974
5.4.11. Pesquisas para o Corpo Docente e de Pesquisa (1976) Hipótese de sustentação dos Programas existentes
5.4.12. Pesquisa para o pessoal de apoio Técnico e administrativo (1976) Hipótese de sustentação Programas existentes.
5.4.13. Previsão para o Corpo Docente e de Pesquisa (1976) — Hip. de Desenvolvimento desejado dos Programas existentes.
5.4.14. Previsão para o pessoal de Apoio Técnico (1976) — Hip. do Desenvolvimento desejado dos programas existentes.
5.4.15. Previsões do crescimento do número de M. e D. concluintes no Período 1976/77 — Hip. de sustentação dos Programas existentes
5.4.16. Previsão do crescimento do número de M. e O. concluintes no período 1976/77 — Hip. de Desenvolvimento desejado dos Programas existentes.
6. Expansão do Sistema de Pós-graduação (structu sensu) Núcleos de pesquisa.
6.1 Viabilidade da criação de novos cursos
A criação de novos cursos observará a diversificação de setores e subsetores , em função de condições concretamente avaliadas:
a) condições sócio-econômicas regionais;
b) especificidades Intra-regionais (de natureza cultural e sócio-econômica);
c) projeção da evolução das condições sócio-econômicas regionais até 1980;
d) Política Educacional e Política de Desenvolvimento Cultural Científico e Tecnológico (II PNO e PNPG);
e) Potencialidades Institucionais (recursos Humanos e materiais disponíveis e ou suscetíveis de formação ou alocação a curto e médio prazo);
f) Necessidade de qualificação de docentes sem grau de mestre ou de novos docentes selecionados para a expansão do nível de graduação e da pesquisa.

6.2 Cronograma da expansão planejada

7. Conclusões e Recomendações finais

CRESCIMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO NO PRÓXIMO DECÊNIO

1. Constituição de núcleos iniciais
   (previsão do número de docentes com graus de mestres e docentes necessários por setores)
   — Bolsas para Pós-graduação no País e / ou no Exterior
2. Criação de novos cursos
2.1 Desenvolvimento de potencialidades atuais (levando em consideração as necessidades sócio econômicas regionais e as políticas governamentais), com vistas à criação a curto prazo de Programas de mestrado;
2.2 Planejamento da criação de novos cursos de mestrado e de cursos de Doutorado, em conformidades regionais, as políticas governamentais e as potencialidades Institucionais.
2.3 Previsão de recursos a serem apropriados a sua distribuição entre as Instituições regionais e responsáveis pela Pós-graduação.

Farmácia-Escola da UFPe. continua em plena atividade

Aparentemente uma farmácia tem como principal finalidade a venda de medicamentos e cosméticos, e com fins absolutamente lucrativos, mesmo levando-se em consideração os benefícios que possa trazer a uma comunidade. Mas, criada em 1970, a Farmácia-Escola da Faculdade de Farmácia, da Universidade Federal de Pernambuco assume, além dessa, outras finalidades: atende única e exclusivamente a comunidade universitária, não visa fins lucrativos e está voltada para o treinamento dos alunos da Faculdade, no sentido de orientá-los na venda de medicamentos, manipulações farmacêuticas e outros problemas relacionados com a economia e administração de uma farmácia.

O diretor

Finalmente, o atendimento às prescrições

Denominada "Farmácia-Escola Murilo Guimarães", numa homenagem da Congregação da Faculdade ao ilustre professor e ex-Reitor da UFPE, ela vem cumprindo amplamente os seus reais objetivos. Com a devida autorização do Ministério de Educação e Cultura e do Conselho Universitário da própria universidade, sua principal fonte fornecedora de medicamentos e cosméticos é o Laboratório Universitário Farmacêutico, dotado de uma múltipla linha de produção: complexo de vitaminas; xarope de iodeto de potássio; mercúrio cromo; mertiolate; tintura de iodo; água oxigenada; pomada de cortizona; comprimidos de sulfaguanidina, entre outros, além de desodorantes, champus, detergentes, desinfetantes, etc.

Fornecimento

Vale ressaltar que, ocasionalmente, o Laboratório Farmacêutico, cuja produção é quase que inteiramente consumida pela Farmácia-Escola, também fornece alguns dos seus produtos a outras unidades da UFPe, bem como a unidades hospitalares do INPS, Hospital das Clínicas (Pedro II), e Instituto de Nutrição.

Estágio

Somente quando o aluno tem a cadeira de Farmacotécnica II é que se torna possível o seu estágio na Farmácia-Escola. O estágio, por sinal obrigatório, varia de acordo com as preferências dos próprios alunos, que são divididos em grupos de 4 ou 5 e atuam no setor de atendimento, controle de receitas, recebimento de produtos e marcação de preços. Ali, porém, tudo gira em torno da orientação científica e do treinamento dos alunos, elementos indispensáveis à formação dos futuros farmacêuticos profissionais.

Loboratório

O Laboratório Farmacêutico tem como finalidade a produção semi-industrial de medicamentos, detergentes e cosméticos, um trabalho que conta com a participação dos corpos docentes das disciplinas Farmacotécnica e Tecnologia Farmacêutica, sob a orientação do professor Fernando Montenegro.

Mercado de trabalho

Além do mais, os formandos em Farmácia podem desfrutar de um bom campo de trabalho, segundo salientam professores e alunos da Faculdade. Haroldo Sátiro Xavier, um dos melhores alunos que já passaram pelo curso de Farmácia, é de opinião que "o mercado de trabalho no Nordeste para os concluintes do curso, é muito promissor. Tudo dependendo, obviamente, da capacidade prática do indivíduo para enfrentar a vida e criar as suas próprias possibilidades".

A manipulação dos medicamentos nos laboratórios

Cinema

Alfred Hitchcock

JOSÉ CARLOS TARGINO

"O medo influenciou minha vida e minha carreira. Tinha cinco ou seis anos. Era domingo, único dia em que meus pais não trabalhavam. Eles me deitaram e foram passear no Hyde Park, respirar um pouco de ar puro. Estavam certos de que eu dormiria até retornarem. Ora, por infelicidade, eu despertei, chamei-os e ninguém respondeu-me. A meu redor, tudo estava escuro. Tateando, levantei-me e, errando pela casa vazia e mergulhada nas trevas, cheguei à cozinha, onde encontrei um pedaço de carne fria que comi molhando-o com minhas próprias lágrimas. Isso me deixou um definitivo horror de carne fria, da obscuridade e das noites de domingo".

Então, resolveu fazer medo aos outros. E, ao longo de 50 filmes, dentre os quais várias obras-primas, milhões de espectadores — desde o tropical Brasil ao legendário Japão dos samurais — enchem as salas de cinema para verificar até que ponto ele consegue transmitir o pavor que sentiu, há mais de sententa anos, numa casa vazia e escura. Nascido em Londres, Inglaterra, a 13 de agosto de 1899, Alfred Hitchcock, filho de um próspero comerciante de verduras, é um daqueles nomes cuja magia está sempre ligada à idéia de que o cinema é, concomitantemente, emoção e mistério, movimento e beleza.

Um diferente melodrama

"Não sou realista de modo algum. Sou atraído pelo fantástico. Vejo as coisas mais amplamente do que a vida. É porque aprecio o melodrama (que não é exatamente o melodrama com o sentido pejorativo que lhe dão, mas, sobretudo, o drama com peripécias). O realismo mostra as pessoas numa certa altura uniforme. O melodrama as rebaixa ao máximo e eu procuro, então, fazê-las ascender ao mais alto possível".

Efetivamente, esse gordo e jovial inglês — que, com REBECA, em 1940, iniciou sua fase hollywoodiana — está muito mais interessado numa representação adequada das motivações básicas do homem do que na mera exploração dos seus pavores cotidianos.

Crime visto de uma janela

, Em A JANELA INDISCRETA (1954), por exemplo, o fotógrafo (James Stewart), mortalmente entediado com o cotidiano numa cadeira de rodas, pois quebrara uma perna, acaba por descobrir que o seu vizinho mais próximo, um atarefado homem de negócios, está envolvido no assassinato de uma mulher. Acossado pelo assassino, ele cai da janela do seu apartamento, de onde espiara os gestos suspeitos do homem, e a rede colocada para sustentá-lo não consegue impedir que sofra mais uma fratura. A hilariante cena final contrasta visivelmente com a dramaticidade e o suspense da anterior: ao invés de uma, o bisbilhoteiro fotógrafo tem duas pernas fraturadas. Em Hitchcock é frequente a coexistência ilógica da maldade mais refinada com o mais sutil humor.

Horríveis passarinhos

"Procurar algo inutilmente tem sidó o sonho do homem desde que ele antes viu as vantagens de ser intoleravelmente ambicioso. Têm sido tais soluções que tornaram o homem no que ele é. Gênio imperfeito, o homem está no cimo".

Em alguns dos seus trabalhos, contudo, Alfred Hitchcock, o fazedor de filmes, deve ter acordado radiante com a noção de que realizara obras perfeitas. Fellini ficou maravilhado com OS PÁSSAROS (1961) — à primeira vista um filme simples, interpretado por atores praticamente desconhecidos, mas, na realidade, um dos mais altos momentos de suspense e horror generalizado na obra do engenhoso autor de INTRIGA INTERNACIONAL. "Um estudo em implausibilidade, ou um cálculo diabólico a que não falta a habitual aresta humoristica" (A. Moniz Vianna), o filme coloca o espectador diante de uma catástrofe cuja explicação está acima da mera especulação racional: por que os pássaros atacam com tão incrivel ferocidade?, perguntamos, assustados, para logo percebermos que eles vão embora.

Pessoas falando

Hitchcock é um realizador de excepcionais qualidades. Uma boa parte de sua melhor produção atravessou períodos áureos do cinema, mas, mesmo assim, podemos medi-lo com alguns dos mais renomados realizadores de então. Em A SOMBRA DE UMA DUVIDA (1943), que ele próprio considra seu melhor filme, é empregado o processo usado por Welles em CIDADÃO KANE (1940), ou seja, as falas dos personagens confundindo-se com a conversação travada entre outras pessoas. É um mérito, apesar do precedente. Mas não há mérito igual para os inumeráveis exploradores do enorme filão hitchcockiano. E o próprio diretor não acredita no cinema de hoje: "Hoje o novo cinema não é nada: apenas fotografa pessoas falando"

Concluída pesquisa sobre a incidência da Raiva no Recife

Depois de 10 anos de estudos, levantamentos estatísticos e análises de elementos, uma equipe composta pelos pesquisadores Geraldo José Marques Pereira, Luzermã Leal de Alcântara e João Lima Filho, da Universidade Federal de Pernambuco, acaba de publicar importante pesquisa sobre epidemiologia da Raiva na capital pernambucana. Os bairros de Boa Viagem e da Várzea foram os que apresentaram a maior incidência do mal, compreendendo o período de 1964 a 1973, registrando-se uma elevação dos casos nos anos de 1968, 69 e 1972.

— A partir do estudo que fizemos, explicam os pesquisadores, da epidemiologia da Raiva em Pernambuco, sem grandes pretensões, nos é válido concluir que a doença endêmica que é, no Estado, com picos epidêmicos atribuidos a fatores vários, com o concurso de medidas terapêutico-profiláticas já postas na rotina dos serviços, como sejam o uso do soro para os casos indicados e da vacina Fuenzalida-Pallacios, aliados a uma Campanha de Vacinação Antirrábica animal já iniciada, poderá ser controlada: dentro de mais alguns anos, que se nos afiguram poucos.

PROPORÇÃO

Considerando o número de cães vacinados, que obviamente são os domésticos e os semivadios sem todavia serem incluidos aqueles que perambulam pelas ruas e se incluem dentre os vadios propriamente ditos, os pesquisadores chegaram à conclusão de que a relação é de cinco pessoas para cada cão, no Recife.

Os cães, segundo o estudo em tela, aparecem como responsáveis por 86,40% dos casos e os gatos com 7,01% seguidos pelos ratos com 4,27% da responsabilidade. Aqui também o encontro é concordante com a literatura, quando as referências partem de países onde não se faz o controle do transmissor urbano. Nos Estados Unidos, ao contrário, segundo informações do Botetim do CDC, o cão tem uma participação discreta. Segundo a mesma fonte nos meses de março e abril de 1973 foram registrados 828 casos de Raiva animal, 74% dos quais em Doninhas e Raposas e apenas em 161 animais domésticos onde o cão aparece com 53 diagnósticos positivos o que representa 64% do total de casos.

VELHA CONHECIDA

Segundo os pesquisadores, "a Raiva é conhecida desde há 2.000 anos. As civilizações antigas a interpretavam como sendo uma consequência de modificações meteorológicas ou como castigo imposto por divindades mitológicas. Realmente, o esclarecimento da transmissibilidade da doença de animal para animal e deste ao Homem, posteriormente demonstrada, constitui violação a tabus espirituais e religiosos. Plínio, em sua obra, se refere à Raiva por várias vezes, mostrando ter sido a mesma conhecida no império romano".

Acrescentam, ainda, a "Raiva, pois, para as civilizações antigas e até que Pasteur debrisse a vacina especifica, revestiu-se de severidade ainda maior do que nos dias atuais, notadamente para aqueles agredidos por animais raivosos, aos quais nada restava senão a espera do desencadeamento do quadro clínico. A vacinação vem sendo aplicada não apenas na profilaxia da doença no Homem, mas foi estendida aos animais e desta forma, aliada a procedimentos de outras naturezas, pode responsabilizar-se pela erradicação em vários paises".

SUBSISTÊNCIA

Entretanto, indicam os pesquisadores, que apesar dos "esforços no sentido de livrar o Homem desta doença, cuja letalidade é de 100%, ela subsiste na maioria dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Um questionário distribuído pela OMS, no ano de 1963, demonstrou que em 63 paises do mundo se registraram casos de Raiva humana, enquanto apenas 28 se declararam livres da infecção. No mesmo ano, cerca de meio milhão de pessoas receberam tratamento antirrábico, conforme informações que nos chegam através de Rhodes & Rooyen. Os mesmos autores adiantam que no período de 1954 a 1964 se observou na América um incremento dos casos registrados da doença".

No que concerne ao animal veiculador do virus rábico para o Homem, tem sido o cão quem maior número de casos provoca, notadamente nos países localizados na faixa tropical. Países outros, isto é, localizados em zonas diferentes, mais pelo fato de se encontrarem em estado de desenvolvimento avançado, o transmissor é geralmente um animal silvestre, conforme Steele. Na Rússia, no entanto, segundo Parahym, citando Zdanov (1964), o cão exerce importante papel na epidemiologia da Raiva, pois aparece como responsável por 88% das agressões e o gato apenas 4,7% da responsabilidade, não fazendo referências a animais selvagens".

Nos Estados Unidos, de acordo com dados colhidos do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde do Brasil, no ano de 1970, foram registrados 3.726 casos de raiva animal. Destes, 78% verificou-se em animais selvagens e o restante em domésticos. O cão aparece na casuistica com apenas 6% da responsabilidade. Adianta ainda a informação que a maioria dos cães não era vacinada e contraiu a doença depois de exposta a animais selvagens.

RECUPERAÇÃO

"Neste mesmo ano de 1970 — acrescentam —, três casos de Raiva humana puderam ser registrados nos Estados Unidos, todos vitimas de animais selvagens. Um deles, menino de 6 anos de Idade, foi vítima de um morcego em Ohio e sobreviveu, tendo sido o primeiro caso no mundo de recuperação. Os outros dois foram agredidos por jaritataca. Os dados sobre a responsabilidade da transmissão da Raiva no Brasil, conforme seria de esperar, colocam o cão como animal mais importante na epidemiologia da doença".

GRUPO ETÁRIO

Outro aspecto, objeto de estudo no que se refere à epidemiologia da Raiva, tem sido o grupo etário mais atingido, sendo os autores unânimes em referir os individuos mais jovens como os que pagam maior tributo à doença. Os pesquisadores citam "Borts & Top que constataram que em cinco anos, nos Estados Unidos, a maior média de morte esteve no grupo etário de 1 a 15 anos, representando 50% de todos os óbitos. Netto & Machado, em São Paulo, evidenciaram, como individuos mais comprometidos, aqueles inseridos na faixa dos 5 a 10 anos, com um percentual de 21,4%, imediatamente seguido pelo grupo de 10-15 com 14,9%. Segundo Silva e col., em seu material, o grupo de 0-3 anos foi o mais atingido. Ainda, Neves e col., estudando os casos de Raiva ocorridos na cidade de Belo Horizonte, de 1969 a 1972, encontraram o grupo de 4 a 14 anos como o que maior tributo pagou".

INCUBAÇÃO

Salientaram que "é de interesse, para qualquer ensaio que procura abordar aspectos epidemiológicos da Raiva, considerações com respeito ao período de incubação. Tal período, conforme é sabido, tem relação com a gravidade da lesão e sua localização anatômica. Turner acrescenta a magnitude da infecção como mais um fator a ser considerado. O mesmo autor adianta que esta fase, na dependência dos fatores considerados, deve variar desde uns dias até muitos meses e possivelmente anos. Tiriba e col., no trabalho onde apresentam um prolongado período de incubação em um presidiário, de mais de um ano e meio, levantam a suspeita de que a inatividade possa ter sido responsável por tal dilatação e chamam a atenção para a ocorrência do contrário, isto é, o encurtamento da incubação a ser considerada. Na casuística de Silva e col., a mediana obtida para o período do incubação foi de 45 dias".

A universidade, como centro do saber, é um órgão dinâmico e ativo, que cuida dos interesses intelectuais não apenas dos seus corpos docentes e discentes, mas também de toda a comunidade da área em que se situa, visando a completa integração do homem à sociedade.

O Plano Geral da Universidade Federal de Pernambuco, para 74-76, revela que, "dentro desta perspectiva, a Universidade exerce uma função altamente dinamizadora das atividades intelectuais e materiais de um País, representando, ao mesmo tempo, o principal elemento desencadeador de ações voltadas para a geração de novos impulsos de vanguarda, onde se concentra o embrião da criatividade e o estímulo dos grandes empreendimentos da Nação".

MESTRADO, CAMINHO DA EVOLUÇÃO

RENOVAÇÃO

As programações da universidade necessitam sempre ser renovadas para atender, justamente, às reinvindicações da comunidade, cada vez mais exigentes; cada vez mais sequiosa de novas perspectivas. Por isso, a U.F.Pe., através do reitor Marcionilo de Barros Lins e sua equipe tem buscado as mais acertadas decisões para atender às necessidades da Região nordestina.

Embora no Plano de Ação 74/76 não esteja previsto a criação de cursos de Doutorado, dá uma grande ênfase aos cursos de Mestrado, com os quais deseja evoluir inicialmente. Mantém 18 cursos de Mestrados, tendo, ultimamente, criado mais cinco nas áreas de Ciências Humanas, Tecnologia, Ciências da Saúde e Artes. Por outro lado, tem oferecido facilidades aos professores que desejam realizar cursos de Mestrado em outros centros, nacionais e estrangeiros, com a seguinte previsão: em outros centros nacionais, trinta e dois com bolsas de estudos e trinta sem bolsas; no Exterior, trinta, sem bolsa.

APERFEIÇOAMENTO

Na área do Intercâmbio Cultural, o aperfeiçoamento do Corpo Docente, através de cursos, é complementado pelo comparecimento a seminários, congressos, simpósios, reuniões e pela promoção de intercambio de docentes e especialistas nacionais e estrangeiros, segundo programação da Pró-Reitoria para Assuntos Regionais e de Intercâmbio Científico.

Enquanto isso, as metas anuais são as seguintes: saída de dez professores para o Exterior e de cinqüenta para outros centros do País, além da vinda de trinta professores do Exterior e de trinta de outros centros nacionais.

O Plano estabelece, ainda, que "entre os cursos de especialização destinados a desenvolver e aprofundar setores limitados de conhecimento ou de técnicas, correspondentes a cursos de graduação destacam-se a atender a funções altamente especializadas exigidas principalmente pelos órgãos vinculados ao setor público, sobretudo na área de planejamento".

As metas para Instituição de cursos de especialização, no período deste Plano, são as seguintes: 1 — Cursos: Arquitetura, Odontologia, Administração, Enfermagem, Demografia e Planejamento Urbano e Local; 2 — Cursos: Direito, Educação, Arquitetura, Engenharia, Ciências Humanas e Medicina.

As metas para a Instituição de cursos de aperfeiçoamento no período de 74/76 são: 1 — cursos: Filosofia, Física, Nutrição, Direito e História; 2 — cursos: Geologia, Direito e Química; 3 — cursos: Administração, Educação, Biociências, Arquitetura, Enfermagem e Psicologia; 5 — cursos: Letras, Odontologia e Ciências Sociais; 6 — cursos: Engenharia e 15 — cursos: Medicina.

A universidade tem se preocupado igualmente com a qualidade dos diplomados o que é fundamental para o desempenho profissional. O plano estabelece que "o aumento do número de diplomados sofre restrições relativas, tanto em relação aos meios humanos e materiais impostos pelos tetos orçamentários, como pelas condições do mercado de trabalho, cujas pesquisas, associadas aos estudos prospectivos do desenvolvimento, indicam que certas profissões estão saturadas. Nesse período a Universidade não reduzirá vagas, pelo contrário vai ampliá-las, mas somente nos cursos de melhor perspectiva no mercado de trabalho, ou através da criação de novos cursos. Os esforços serão voltados principalmente para a melhor qualificação".

A qualidade profissional dos diplomados pode ser definida fundamentalmente como sua adequação às necessidades da comunidade. São fatores da qualidade: o imput, isto é, os concluintes do ensino do

2.° grau que ingressam na Universidade; a capacitação do corpo docente; a adequação dos currículo e programas; a metodologia educacional; a adequação dos equipamentos e instalações; a estrutura administrativa".

De acordo com essa programação, a Universidade oferecerá, para 1976, as seguintes vagas, por curso: Administração Pública — 40; Administração de Empresas — 120; Biblioteconomia — 50; Ciências Contábeis — 40; Ciências Econômicas — 220; Ciências Sociais — 60; Comunicação Social — 60; Direito — 220; Pedagogia — 150; Filosofia — 50; Geografia — 40; História — 50; Letras — 120; Serviço Social — 60; Secretariado — 80; Engenharia Cartográfica — 30; Engenharia Civil — 165; Engenharia Elétrica — 90; Engenharia Mecânica — 50; Engenharia de Minas — 40; Engenharia Química — 70; Estatística — 30; Física (Bacharelado e licenciatura) — 60; Geologia — 40; Informática — 60; Matemática — 60; Química (bacharelado e licenciatura) — 20; Química Industrial — 30; Ciências Biológicas — 60; Ciências Biomédicas — 60; Enfermagem — 80; Farmácia — 80; Reabilitação — 50; Medicina — 220; Nutrição — 60; Odontologia — 80; Psicologia — 60; Educação Física — 50; Arquitetura — 100; Comunicação Visual — 25; Desenho Industrial — 25; Licenciatura em Desenho e Plástica — 20; e Licenciatura em Música — 20. Somam um total de 3.095 vagas.

Neste ano, a UFPe. vem mantendo 19 cursos de Mestrado, 14 de Especialização, 17 de Aperfeiçoamento, segundo informações da Pró-Reitoria de Planejamento, cujo titular é o general Heleno Castelar, explicando que a UFPe possui 145 mestres e 247 doutores e mantem 45 cursos de graduação.

Pesquisa

"A pesquisa fundamental, isto é, aquela que se desenvolve estritamente vinculada ao ensino, será definida nos programas e planos de ensino elaborados no âmbito dos Departamentos. Será atendida com os recursos do Orçamento da Universidade", estabelece o Plano. As metas para o período deste Plano são as seguintes: Adequação dos equipamentos e instalações e concessão anual de sessenta bolsas de Iniciação Científica a estudantes. Em 1974, a UFPe. concedeu 20 bolsas de pesquisas a graduados. Este ano, oferece 25 e, em 1976, concederá mais 30.

Por outro lado, "as pesquisas científicas e tecnológicas isto é, aquelas que se baseiam nos princípios científicos em busca de melhor conhecimento da natureza, tendo em vista sua ulterior utilização em benefício do homem, serão objeto de planos de pesquisas elaborados pelos professores, pelos Departamentos ou pelos Colegiados dos Cursos de Pós-Graduação. Sua coordenação geral está afeta à Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação, assegurada pela Comissão Central de Pesquisas, com o objetivo de integrar a Universidade à problemática existente na Região e no País", adianta o Plano de Ação.

A pesquisa aplicada se apoia nos resultados das pesquisas científicas e tecnológicas, procurando utilizá-los na solução de problemas concretos, de caráter imediato. O estudo e a observação da conjuntura sócio-econômica indicarão as prioridades de atuação.

Salienta, ainda, que "os cursos de extensão são oferecidos à comunidade em geral, podendo desenvolver-se em diferentes níveis de acordo com o seu conteúdo, objetivo e o público a que se destina". Suas metas prevêem a promoção, pela Reitoria, "de uma divulgação objetiva, de caráter geral ou particular para certos setores especificamente interessados, de gama de cursos de extensão que poderão ser ministrados pela Universidade". E, ainda, "ampliação do número de cursos promovidos pelas Unidades Universitárias, pela Televisão e Rádio Universitárias e pelo CRUTAC", além de "celebração de novos convênios com o PREMEM, para realizar o treinamento, aperfeiçoamento e utilização do pessoal docente do ensino dos 1.° e 2.° graus".

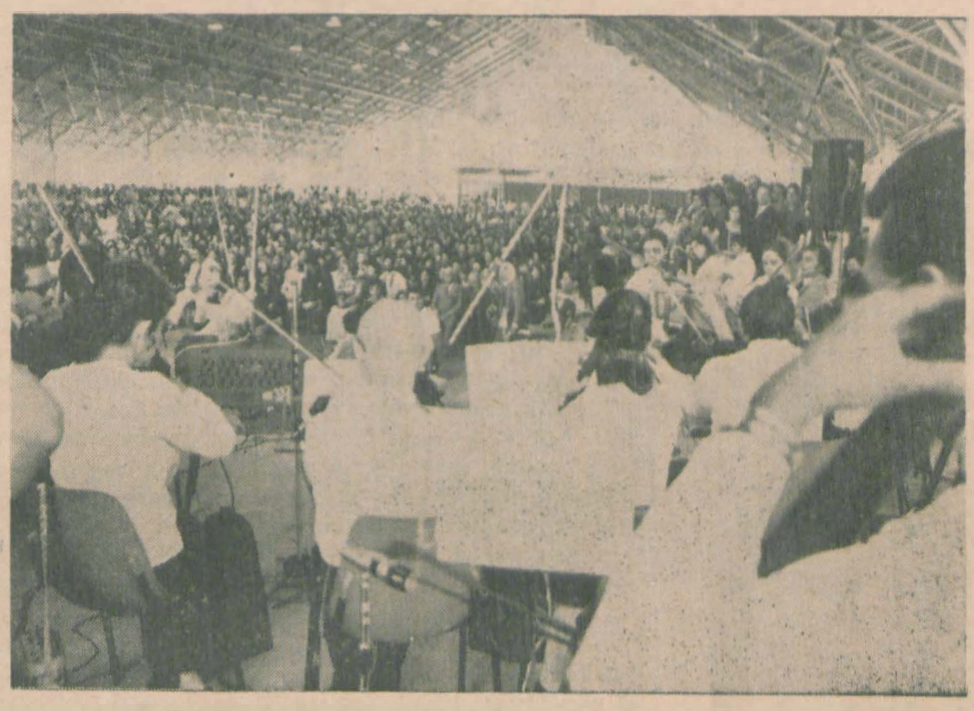
Reforma administrativa

Enquanto isso, "A Reforma Administrativa tem, por sua vez, caráter dinâmico e progressivo, em busca do modelo que atenda, da melhor maneira possível, aos objetivos da Instituição". O Plano de Ação prevê "as fases de preparação e transição do modelo atual, em busca de uma nova fase que surgirá da integração de fatores específicos da administração, que terão de ser compreendidos e utilizados como elementos de criação e desenvolvimento. Numa visão integrada da estratégia e dos projetos prioritários para a Reforma Administrativa da UFPe., pode-se admitir que o objetivo geral é o surgimento, a médio prazo, de um modelo técnico de administração e gerência na UFPe., através da criação de condições especiais".

Com base nos objetivos e metas fixadas no Plano Geral de Ação, o planejamento e o centro de decisões regionais, retroalimentados pelo acompanhamento e avaliação do processo, conduzem à Ação Integrada na administração das atividades-fim e meio, central e periférica.

O Plano Diretor do "Campus Universitário", de acordo com uma sistemática de planejamento dinâmico, foi mais uma vez revisto. Continua, porém, a ter como meta principal a integração universitária das necessidades especiais da Universidade para ensino e pesquisa.

Orquestra armorial: uma música nordestina



Com selo da Continental, de São Paulo, foi lançado o disco "Orquestra Armorial", com capa, contra capa e texto de Ariano Suassuna e sob a regência de Cussy de Almeida. O disco, em suas duas faixas, está assim dividido:

Face A: — Abertura (Cussy de Almeida)
Galope (Gerra Peixe)
Ciranda Armorial (José Tavares de Amorim)
Nordestinados (Cussy de Almeida)
Repentes (Antônio José Madureira)
Terno de Pífanos (Clóvis Pereira)

Face B: — Aboio (Cussy de Almeida)
Mourão (Guerra Peixa)
Pífanos em Dobrado (José Tavares de Amorim)
Sem Lei Nem Rei — 1.° Movimento (Capiba)
Kyrie (Cussy de Almeida)
Abertura (Cussy de Almeida)

O disco foi inteiramente realizado no Recife, no estúdio do Conservatório Pernambucano de Música, o qual foi construído sob a orientação de Cussy de Almeida, que é diretor do Conservatório e Regente da Orquestra Armorial. Além de Regente, é consagrado violinista, destaca-se ainda como compositor, tendo nesse disco 5 (cinco) músicas suas, das quais a 1.ª da Face B — Aboio, não foi ainda apresentada em público.

CUSSY FALA SOBRE MÚSICA ARMORIAL

A importância do disco reside para Cussy de Almeida em representar a 1.ª fase de trabalho da Música Armorial e que, por isso, não poderia deixar de ficar documentada. O compositor relutou muito para aceitar a idéia de fazer o disco porque, para ele, "a música armorial ainda está no terreno da experiência e longe de uma definição que caracterize uma música de qualidade superior e que sirva de modelo definitivo. Por outro lado, os insistentes pedidos de gravadoras e a necessidade de documentar essa fase inicial terminaram pesando na balança, para que fosse finalmente realizada a presente gravação.

O teor das músicas é inteiramente Armorial: todas as peças são baseadas em temas extraídos do popular, ou compostas no mesmo estilo, sob uma inspiração nordestina e especificamente pernambucana.

CLÁUDIO AGUIAR:
Por uma música erudita brasileira

Interessado em certos setores mais ou menos abandonados da música brasileira, Cláudio Aguiar em seu LP "Canto dos Emigrantes", lançado pela Rozenblit, promove a ressurelção do choro, da cantiga, da valsinha e de algumas formas musicais impregnadas de um espírito renascentista que se disseminou, pela via ibérica, em algumas manifestações culturais da nossa música como a cantiga de roda, a modinha e outros exemplares do nosso cancioneiro. O disco possui um caráter realmente singular por representar uma proposta musical inteiramente insuspeitada diante das alternativas colocadas pela cultura de consumo: de um lado a influência comospolita ditada por Londres, Nova York e Paris e, por outro lado, as matrizes pretensamente nacionais que informam uma música de teor também cosmopolita, elaborada em série, dentro de uma linha já padronizada de gosto, que se pretende ser chamada da própria Música Popular Brasileira. Ao lado das duas alternativas se coloca ainda uma terceira posição: a da proposição de uma música deliberadamente exótica para consumo de determinados grupos mais ou menos informados da eficácia dos recursos folclóricos para fins estritamente comerciais.

O disco de Cláudio Aguiar representa, ao lado do Quinteto Armorial, e em outros termos eruditos, uma recriação de certas áreas autenticamente nacionais da nossa música, porém desprezadas por grupos cujo maior interesse é fazer da música uma extensão da tendência de reduzir as suas manifestações mais legítimas em objetos do consumo. Uma rápida análise do disco permite dar uma idéia das composições mais representativas: em **Tema de Daniela** vemos presente resquícios do tradicional minueto, mas onde a melodia — o tema central — constitui uma canção onde afloram traços de uma música já tocada por um acento nordestino.

Já em **"Corrupio"** — embora lembre, à distância, certos efeitos outrora conseguidos por Villa-Lobos — pode ser vislumbrado recursos onomatopáicos do corrupião, pássaro já quase extinto da fauna nordestina. Cláudio Aguiar, entretanto, mesmo no ritmo empregado em **Corrupio**, faz lembrar mais uma espécie de xaxado — característica essa bem marcante de certos compassos utilizados na música do Nordeste.

A valsinha **Magdalena, Magdalena,** pode ser comparada também, a título de exemplo, com as modinhas também compostas por Catulo da Paixão Cearense, que ao lado Ernesto Nazaré, figura como o mais forte representante da música popular brasileira. Sugerindo ainda a mesma fidelidade às nossas origens, Cláudio Aguiar em **Capricho brasileiro, e Aprendiz da Voz dos Ventos,** nos oferece uma amostra do que futuramente poderá compor dentro de um clima mais condensado e compacto que refletirá, temos certeza, um completo somatório das suas experiências iniciais que, a se julgar pelos trabalhos já feitos por compositores como Antônio José Madureira e Generino Luna, mostrará uma representação de música brasileira mais marcada de legitimidade em sua feição nacional.

FICHA TÉCNICA

O LP, "Canto dos Emigrantes", de Cláudio Aguiar, apresenta capa e contracapa de João Câmara, e sua ficha técnica está assim constituída: Supervisão, Ronaldo Correira de Brito; Produção, Gilvan Sampaio; Coordenação, Valdi Coutinho; Violão, Cláudio Aguiar; Voz, Gilvan Costa; Técnico de Som, Hélio Ricardo; e Texto Poético, Alberto Cunha Melo.

As músicas do LP são as seguintes:

Lado A — Tema de Daniela; Aprendiz da Voz dos Ventos; Argumento n.° 1; Dezembros; Prelúdio a uma Voz; Magdalena, Magdalena; Lembranças de Cotoco (compositor e boêmio do século XIX).
Lado B — Capricho Brasileiro; Dança de Sombras; Canção para um Gatinho; Corrupio; Nostalgia; Kalyna; e Canto dos Emigrantes.

Canto dos Emigrantes
Alberto Cunha Melo

Com seus pássaros
ou a lembrança de seus pássaros;
com seus filhos
ou a lembrança de seus filhos;
com seu povo
ou a lembrança de seu povo;
todos emigram.

De uma quadra a outra
do tempo;
de uma praia a outra
do Atlântico;
De uma serra a outra
das cordilheiras:
todos emigram.

Para o corpo de Berenice
ou o coração de Wall Street;
para o último templo
ou a última dose de tóxico;
para dentro de si
ou para todos, para sempre
todos emigram.

CONSULADOS

Uma mulher em cada 5 médicos em exercício

— Dos 110.000 médicos, que exerciam na República Federal da Alemanha em 1973 em consultórios particulares, quase 20% eram mulheres. A percentagem de mulheres nos 5.800 médicos assistentes era até mais elevada — 25%. Segundo um comunicado feito pela Repartição Federal de Estatística haveria em média um médico para 532 habitantes da RFA. Em 1960 a média era um pouco superior: um médico para 675 habitantes.

6% dos médicos e assistentes eram estrangeiros. 11% deste número eram mulheres. Especialmente elevado era o número de elementos femininos entre especialistas para pediatria, anestesia, psiquiatria infantil e para jovens, psiquiatria geral, doenças nervosas e doenças de pele, em menor número eram as especialistas em cirurgia, cirurgia de acidentes e neurocirurgia e urologia.

Fim a atingir — um partido feminista

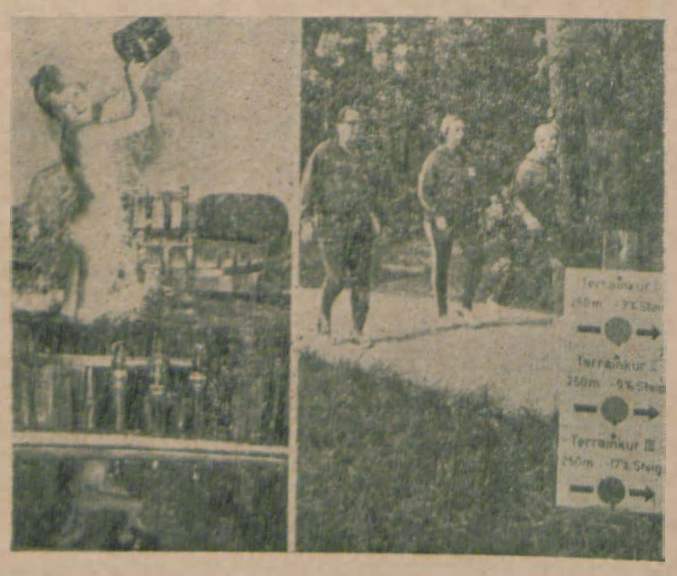
Munique (Impressões da Alemanha) — Embora a constituição da República Federal da Alemanha garanta a todas as mulheres igualdade de direitos a maior parte das mulheres que vivem na RFA não gozam ainda deles, mesmo no 'Ano Internacional da Mulher'. A feminista Hannelore Mabry aconselhou as mulheres a não confiarem unicamente na ajuda dos homens, mas a resolverem sozinhas o problema da concretização das exigências justas de emancipação tanto no lugar de trabalho como na vida política. Hannelore Mabry, socióloga de 44 anos de idade, é a presidente do Forum Feminino de Munique, que foi fundado em 1971 abrindo o caminho para muitos outros grupos feministas. Entretanto existem na República Federal 26 foros semelhantes cujo fim em vista é a formação de um partido feminista federal. No entanto, este movimento radical não terá por certo grandes possibilidades de, num futuro próximo, operar contra as grandes organizações feministas dos sindicatos e partidos.

De preferência tango e valsa

— Dos 450.000 casais que anualmente se casam na República Federal da Alemanha, 120.000 conheceram-se em salões de dança. No entanto, hoje em dia, quem procura a sua cara metade no baile tem que saber dançar valsa e tango, rumba e fox. A onda de nostalgia chegou já aos salões de dança e até os mais jovens, que até há pouco consideravam as escolas de dança como 'mau gosto da burguesia' e que preferiam os ritmos quentes do beat, dançam já a três tempos e aprendem passos clássicos. Muito em breve até se pode aprender as danças clássicas em casa: o 3.° canal da Televisão da RFA, emite um curso de dança em 13 lições, onde os ex-campeões mundiais de dança Evelyn e Wolfgang Opitz ensinam ao público de Hamburgo os passos corretos.

Guerra ao enfarte

Baden-Baden (INB). Muitos balneários e centros de cura da República Federal da Alemanha declararam guerra ao esgotamento e ao enfarte do miocárdio mediante novas formas nos respectivos programas de cura. Onde antigamente predominavam acima de tudo os banhos e o descanso, o homem em busca da saúde é submetido cada vez mais sistematicamente a exercícios exaustivos. Em Baden-Baden deu-se preferência à aplicação de métodos de cura segundo Sebastian Kneipp, cujo segredo de cura e de estimulação ao aparelho circulatório consiste em mudanças rápidas de água quente e fria (foto à esquerda). Em Baden-Baden são logo vários "programas anti-esgotamento" que aguardam os visitantes. Ponto central é o esporte e acima de tudo a assim chamada cura de terreno. Nessa cura o cliente deve percorrer, sob controle médico, e de acordo com a sua constituição física, determinados trechos em tempo certo (foto à direita). Esse exercício estimula a circulação, traz oxigênio para o corpo, reduz o peso excessivo e firma de novo os músculos. (gn)



Doenças cardíacas aumentam assustadoramente na RFA

— O desporto mantém o corpo jovem, elástico e saudável. Este parecer, que não pretende de modo nenhum ser inédito, constitui a conclusão mais importante de um estudo clínico de grande evergadura concluido no começo deste ano no Instituto de Pesquisa Cardio-Vascular e Medicina Desportiva do Instituto Superior de Desporto de Colonia. O objetivo deste estudo, para que deram contributo mais de 300 homens de meia idade, consistiu em demonstrar os efeitos dos exercícios físicos sobre o sistema cardio-vascular de indivíduos acima dos 50 anos.

Os testes conduzidos pelo Prof. Dr. W. Hollmann voltaram a confirmar inequivocamente que a condição essencial para não perder com a idade a frescura física e a vitalidade reside no exercício diário de ginástica desportiva.

Simultaneamente, o estudo não deixa margem para a menor dúvida de que a melhor prevenção contra as deficiências circulatórias de toda a espécie, sobretudo contra o infarto cardíaco consiste na prática regular do desporto. Até indivíduos de 60 anos conseguiram ao fim de poucas semanas de treino durante o teste atingir e até ultrapassar a vitalidade de indivíduos de 40 anos de vida sedentária. Note-se, porém, que o importante nestes exercícios não é tanto a obtenção de resultados excepcionais, mas sim a prática regular.

Com um mínimo de dispêndio de tempo seria já possível obter resultados ideais. Um exercício físico diário intenso de apenas 10 minutos é perfeitamente suficiente, na opinião do Prof. Hollmann para manter em perfeitas condições o coração e o sistema circulatório, a respeiração e o metabolismo celular, com o resultado de que os sintomas do envelhecimento só consideravelmente mais tarde se vêm a revelar.

Exercícios físicos tais como dar longos passeios, em especial pelos bosques, fazer ski, andar de bicicleta e nadar constituem formas altamente eficazes dum programa de 'fitness'. Exercícios violentes como corridas, levantar pesos e halteres não são aconselháveis. Em especial as doenças cardio-vasculares, que constituem nestes momento a causa de cerca de 50% dos óbitos na República Federal da Alemanha poderiam ser eficazmente combatidas através de combinação de um estilo de vida saudável e a prática regular de desporto.

Evelyn Lass

Revista televisionada de informação médica

As edições da revista "La Vie Médicale" e o Comitê de redação de três publicações ("La Vie Médicale", "Télé-Médecine" e "Audio Médecine") aperfeiçoaram uma nova forma de ensino pós-universitário, através de revista televisionada.

"Télé-Vie Médicale" apresenta, no ambiente de um hospital e durante todo um dia, um programa de várias sequências, curtas precisas e completas, tratando de vários assuntos, e intercaladas por breves mensagens farmacêuticas.

Essas emissões apresentam fatos clínicos práticos e novidades de terapêuticas médicas e cirúrgica, que correspondem, particularmente, às atuais preocupações dos médicos.

Dois programas são apresentados, por ano, nos hospitais. De 20 a 30 televisroes a cores são instalados em cada serviço de um determinado centro universitário. Ademais, o mesmo programa é projetado, na hora do almoço, sobre uma grande tela, no anfiteatro de cada hospital.

Os médicos ligados a esse estabelecimento são convidados a acompanhar as emissões. Desse modo, as informações transmitidas atingem dois terços do corpo médico francês.

O atual programa da revista compreende, entre outros, os seguintes temas: "Atitudes terapêuticas diante do glaucoma do adulto"; "As provas de esforço em cardiologia"; "A exploração radiológica e endoscópica pelo cinema: cardiologia e cineradiografia"; "Estudo biomecânico da ligação cabeça-tórax nos acidentes automobilísticos", etc

Combate à carência de proteínas

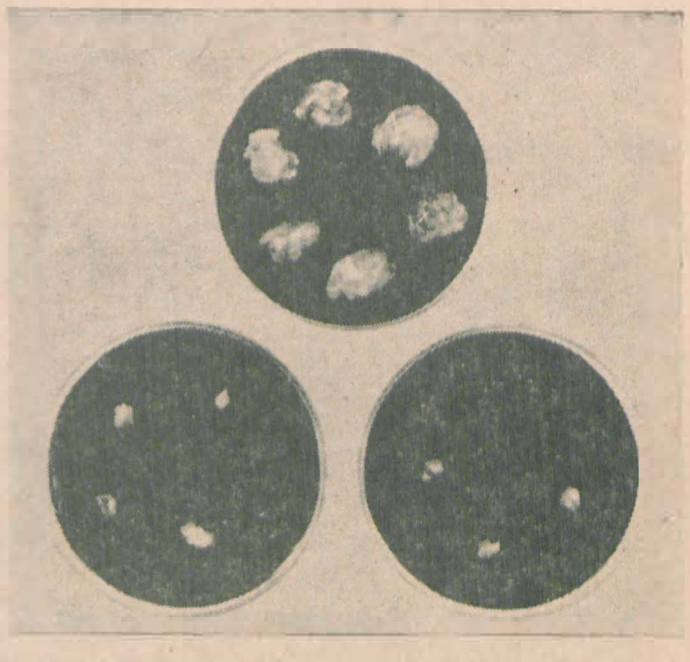
O Ministério da Pesquisa e Tecnologia da República Federal da Alemanha custeará um projeto no valor de 2,5 milhões de marcos — oito milhões de cruzeiros — destinado a melhorar o teor protéico e a qualidade de plantas nutrientes por meio de processos nucleares. Para execução do projeto já foi firmado um acordo entre a Organização Internacional de Energia Atômica — OIEA — e a Sociedade de Pesquisas Radiativas e Ambientais — SPRA — de Munique. O acordo foi recentemente firmado em Viena.

Do programa participarão, além dos signatários, a FAO, diversos institutos alemães e organismos de 20 países da Ásia, África e América Latina. Segundo comunicou o ministro da Pesquisa da Alemanha, Hans Matthoefer, o programa destina-se ao combate da subalimentação por falta de proteínas, devendo beneficiar sobretudo a países em desenvolvimento. O programa agora acertado deverá dar continuidade à cooperação nesse setor, iniciada em 1971 e que deverá prosseguir até 1978. Com base nos resultados até agora alcançados, espera-se a melhora do teor protéico de cereais como o arroz, o trigo e a cevada, bem como de diversas leguminosas, através da alteração genética do semen por radiações. Com esta técnica, espera-se desenvolver espécies que sejam explotáveis até 1978. (IF)

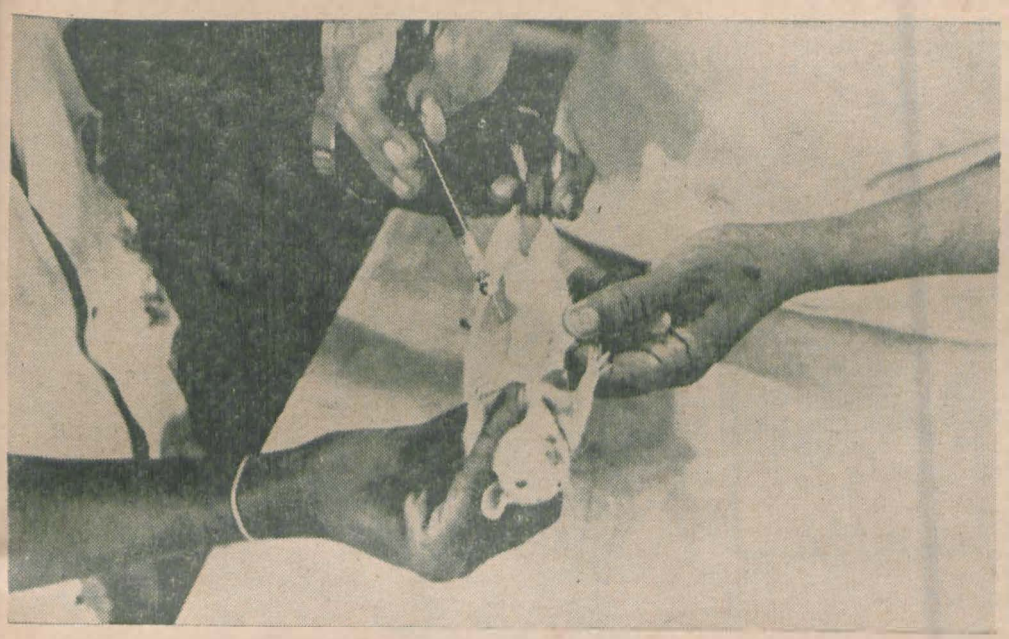
Instituto manipula novas drogas na sua caminhada anticancerígena

Desde 1963 que o Instituto de Antibióticos UFPe. vem produzindo uma actinomicina do grupo D, que ao mesmo tempo é fornecida às instituições nacionais especializadas no tratamento do câncer, notadamente na terapêutica de tumores de Wilms, para os quais é considerada específica. A droga recebeu a denominação de Bioact D, sendo fornecida também pelo Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco (LAFEPE).

Várias substâncias naturais ali isoladas têm apresentado relevante ação antiblástica, não só para tumores experimentais, mas também para algumas formas de tumores humanos. A concessão pelo Conselho Nacional de Energia Nuclear de uma bomba de cobalto tem proporcionado ao Instituto a oportunidade de efetuar experimentos com as drogas isoladas.



Vírus cancerígenos a partir de diversas fases do seu tratamento



Vírus cancerígeno sendo aplicado em cobaia

Ratos importados servem de cobais nas pesquisas sobre câncer.

Animais como cobaias

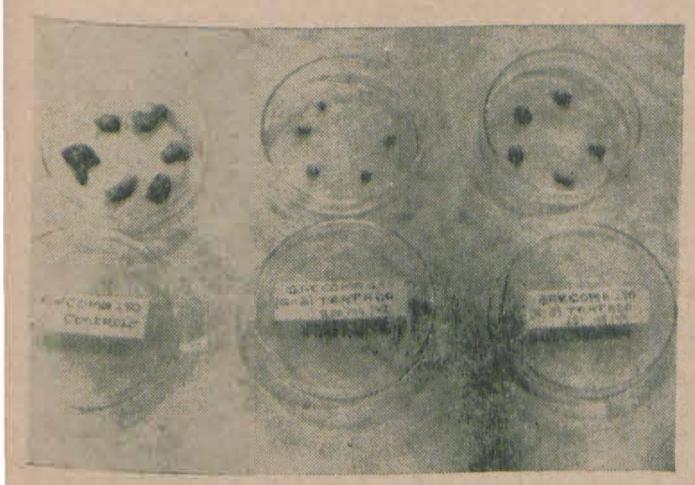
No seu Departamento de Cancerologia Experimental, o Instituto vem testando em animais (ratos e camundongos) a ação antineoplásica das substâncias antibióticas — obtidas a partir de estreptomices e vegetais superiores. Ali, os pesquisadores dispõem atualmente de quatro tipos de tumores: carcinosarcoma de Walker 256, sarcoma de Yoshida, carcinoma de Ehrlich e sarcoma 180.

Na Divisão de Virologia do Instituto são testadas as substâncias descobertas sobre virus do grupo Herpes, os quais são estudados atualmente na etiologia do câncer. A retamicina e o lapachol são algumas das substâncias de ação antiviral já obtidas pelo Instituto.

Convênios

Em 1974 o Instituto de Antibióticos assinou um convênio com a Central de Medicamentos (CEME) e durante todo aquele período, segundo o professor Oswaldo Gonçalves, foi possível produzir muito mais do que nos anos anteriores. "Mesmo assim, encontrou-se grande dificuldade devido à concorrência mundial neste setor", assegura.

Também com o LAFEPE, o Instituto estabeleceu um convênio, visando a industrialização de produtos que tenham utilidade terapêutica. Tais convênios têm favorecido enormemente os trabalhos, estudos e pesquisas do Instituto de Antibióticos, ao mesmo tempo em que cerra fileiras ao lado daqueles que, há dezenas de anos, lutam corajosamente para elucidação e cura de um dos maiores e mais terríveis males deparados pela Medicina.



Vírus cancerígenos, do tipo Sarcoma 180

Pesquisas

No campo da fitoquímica, por exemplo, procura-se tirar proveito da variada flora brasileira com o intuito de isolar novas substâncias, portadoras de ação antibiótica e antitumoral.

Comprovada a ação biológica de uma substância, os pesquisadores partem para determinar a sua estrutura química, lançando mão para isto dos instrumentos apropriados de que dispõem (espectrômetros ultravioleta e infravermelho e de ressonância nuclear magnética) e dos métodos químicos tradicionais.

Elucidada a estrutura química da substância, tenta-se a obtenção de derivados com propriedades biológicas mais relevantes, baseados no conhecimento de que determinados radicais podem potencializar a ação antibiótica ou antitumoral.

Determinadas funções químicas, tais como as quinonas, interessam particularmente aos pesquisadores, de modo que, seguindo critérios quimiotaxonômicos eles procuram estudar certas famílias de vegetais que propiciam isolamento de substâncias com características químicas semelhantes, mas não idênticas. Certas famílias de vegetais superiores apresentam grande incidência em proporcionar o isolamento de substâncias dotadas de ação antitumoral e antimicrobiana relevantes. Esta constatação foi verificada com espécies de **Celastraceae** das quais já foram ali isoladas diferentes substâncias: maitenina, celastrol, pristimerina, portadoras de ação anticâncer em tumores experimentais, sendo que as duas últimas já haviam sido isoladas por pesquisadores indianos.

Dentre os numerosos antibióticos e antitumorais de plantas superiores ali isolados, a **biflorina** merece um destaque especial, tanto por ter sido o primeiro a ser isolado, como por sua estrutura química ser desconhecida até então, dentre os compostos naturais estudados.

De origem microbiana, tem sido ali isolados antibióticos, considerados poderosos inibidores de câncer experimental, tais como: retamicina, ciclamicina e miniatomicina, pertencentes a um grupo de antibióticos que se caracteriza pelo seu relevante poder antineoplásico, sobretudo em relação à leucemia. Pertencem a este mesmo grupo a daunomicina, a adriamicina e a rubidomicina, isoladas respectivamente na Itália e França, constituindo se, hoje, em quimioterápicos usuais no tratamento de determinados tipos de câncer.

Outros antibióticos isolados de microrganismos portadores de relevante ação carcinostática sobre tumores experimentais, vêm sendo por eles estudados e produzidos, tais como: ussamicina, tuoromicina, eurimicina, itamicina, etc., inclusive outras substâncias antibióticas desprovidas de ação antitumoral.

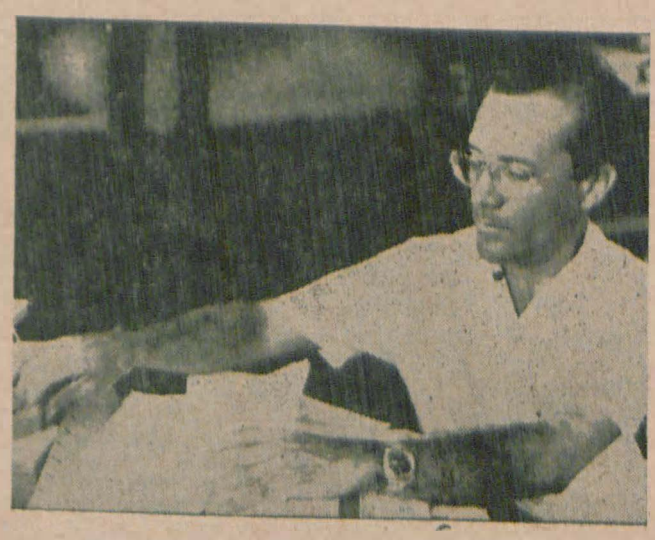
Implantação

O Instituto de Antibióticos da Universidade Federal de Pernambuco foi criado pelo Conselho Universitário da antiga Universidade do Recife, em março de 1952. A fundação do Instituto, inteiramente dedicado ao campo das pesquisas, veio em atendimento ao relatório encaminhado à Reitoria pelo incansável professor Oswaldo Gonçalves de Lima, no qual foi sugerido a criação de um centro de pesquisa sobre antibióticos sob a égide da Universidade.

Até há pouco, o Instituto esteve incluído entre as Unidades Especializadas da UFPe e subdividia-se em três Departamentos: I) Departamento de Antibióticos e Antitumorais de Plantas Superiores; II) Departamento de Antibióticos e Antitumorais de Microrganismos; e III) Departamento de Câncer Experimental, dedicando-se, ainda, às pesquisas nos campos da fitoquímica, da microbiologia e da cancerologia experimental.

Dentro da recente estruturação, proveniente da reforma universitária, visando aglutinar ao máximo as áreas de conhecimentos afins, o Instituto de Antibióticos deixará de ser uma Unidade na terminologia antiga, para se tornar um Departamento que possivelmente virá a se integrar ao Centro de Ciências Biológicas.

Mas a sua localização definitiva está ainda em fase de estudo. Espera-se, contudo, que esta modificação não venha afetar os reais objetivos do Instituto — a busca de novos agentes biologicamente ativos, dentro da sua linha de pesquisa, que possam vir a ser utilizados no campo terapêutico.



Prof. Clécio Ferreira de Santana, Chefe do Departamento de Cancerologia Experimental do Instituto de Antibióticos.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.° 7 Recife — Março — 1975 Ano VII

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

Os versos de Santa Teresa, mais do que carnações, são chagas abertas e impossíveis de se fecharem por quem não tem paciência, como ela, de esperar que o próprio fogo celeste possa descer, em algum tempo, sobre um poema terreal. Na paixão em que se consome, não a preocupa a perfeição na arte, porque — dádiva em chamas, sangrante e apaixonada — quer se perder nos braços sem limites da Formosura que excede a todas as outras formosuras e, com certeza, entre estas, estando incluída a própria arte:

"Oh hermosura que excedéis
A todas las hermosuras!
Sin herir dolor hacéis,
Y sin dolor deshaceis
El amor de las criaturas".

Ela se sabe nada, porque percebeu que não traz em si a razão de sua própria substância ou de sua própria existência e, por isso, nada lhe pode restar de mais importante a não ser corresponder Àquele Amor que não tem, segundo ela, razão nenhuma para amar:

"Quien no tiene ser juntáis
Con el ser que no se acaba;
Sin acabar acabáis;
Sin tener que amar amais;
Engrandecéis vuestra nada".

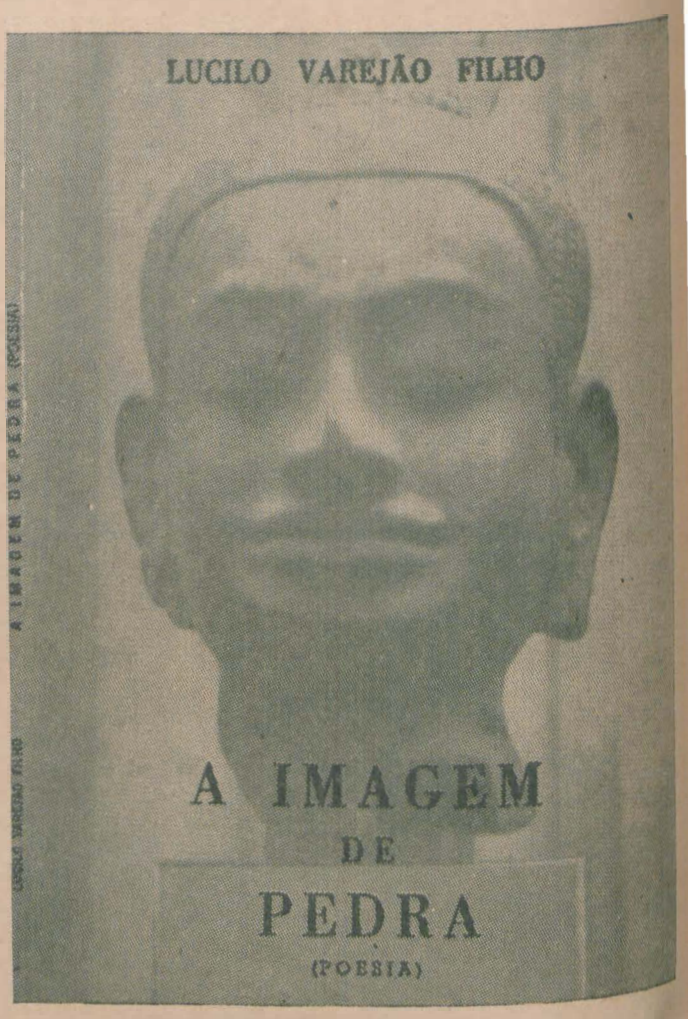
E para quem acha, como Santa Teresa, a arte insuficiente, só haverá tempo para um monólogo de sua própria alma, já que ela não crê em qualquer diálogo existente entre sua alma imortal e uma arte provisória:

"Porque tu eres mi aposento,
Eres mi casa y morada,
Y así llamo en cualquier tiempo,
Si hallo en tu pensamiento
Estar la puerta cerrada.
Fuera de ti no hay buscarme,
Porque para hallarme a Mí,
Bastará sólo llamarme,
Y a Mi buscarme has en ti"

A sua poesia é a do anseio da presença, à qual julga pertencer, e na impossibilidade de captá-la na poesia, como São João da Cruz, prefere, para além de qualquer tentativa de lhe dar uma forma terrestre, através da arte, render-se diante dela:

"El amor cuando es crecido
No puede estar sin obrar,
Ni el fuerte sin pelear
Por amor de su Querido.
Con ésto le abrá vencido,
Y querrá que en todo acierte,
Qué gozo nos dará el verte!"

Em São João da Cruz vamos ver que os valores poéticos de Frei Luís de Leão e os valores místicos de Santa Teresa se harmonizam para dar dimensão artística integral nos caminhos traçados e vividos pelos dois, além de imprimir o remate final, com seu nome e sua arte, à trindade mística espanhola. A feição contemplativa do primeiro e o caráter apaixonado da segunda vão servir de dois pilares, sobre os quais se irá erguer a instauração poética de São João da Cruz.



Augusto

ALBERTO FREDERICO LINS CALDAS

A EXALTAÇÃO DA ETERNIDADE

Escoro-me, agora, a um dos seus grandes cantores: Suetônio. No seu livro "As Vidas dos Doze Césares", diz o historiador latino que Augusto dominou a Cantábria, a Aquitânia, a Panônia, a Dalmácia, a Ilíria e a Récia, e trouxe à águia romana os vindélicos, os salássios e os povos dos Alpes. Manteve em cheque os germanos ferozes, submeteu os úbios e os sicâmbrios. Apenas duas derrotas marcaram-lhe a glória militar. A frente das tropas foi um chefe renovador e preso à tradição de grandeza romana. Chamava os soldados de amigos e companheiros. Bem cedo alcançou a magistratura e "as funções públicas" (cf. 82). Exerceu onze consulados. Para reorganizar a república foi triúnviro dez anos. Pontífice máximo, soube sê-lo com majestade e justiça. Destruiu os bandoleiros da campânia e saneou o interior do país. Usou da justiça com brandura. Modificou algumas leis, adaptando-as ao progresso do seu governo. Deu dignidade ao senado, colocando-o no antigo esplendor. Criou cargos e limpou a cousa púbica de parasitas e aproveitadores. Não gostava de lisonjas e afagos interesseiros. Fez "a mais de trinta generais" (vd. ib. 92) a mercê do triunfo completo. Diminuiu a usura e cresceu o preço das terras, graças à poupança e à boa direção da "res pública". Regularizou os divertimentos populares. Implantou na Itália vinte e oito colônias. Procurava civilizá-la, dilatando de Roma o seu poder incontestado. Devolveu a muitos as terras conquistadas. Elevado à diginidade de Pai da Pátria, o mundo romano aplaudiu-o sem voz discordante, fato que não mais se repetiria na história do império. Caráter reto e firme, aliava à beleza física a honra e o respeito. Jamais traiu um amigo. Não humilhava os escravos e nem submetia os libertos a crueldades e provas. A singeleza de sua vida desmentiu os que tentaram denegri-la. Morou algum tempo no Fórum, depois, no Palatino, que enobreceu. Seus banquetes eram sérios e seus convivas homens de bem. Augusto possuia uma sabedoria tranquila, experiente, e não exibia-se à mesa em comilanças e bebedeiras. A severidade dos seus constumes refletia-se-lhe no rosto calmo. Vestia-se com elegância e modéstia. Lia e escrevia muito, admirando os filósofos e os artistas. Foi autor correto e sensato. Considerava a literatura grega a principal fonte do saber. Costumava dizer, cumprindo à risca o dito: — "O que é bem feito é sempre realizado bastante depressa". (Id. Ob. cit.)

Numa cousa Augusto pecava. Não resistia às mulheres. Mas quem, de bom senso, as resiste? Quem, quando elas querem, conseguem vencer? O chamado sexo frágil faz de nós, homens, o que bem quer. E como quer. Um olhar feminino é um perigo, e uma mão, armadilha mortal. Qualquer filósofo puritano, como aquele pastor infeliz de "A Chuva", a obra prima de Somerset Maughan, cai diante de uma mulher que o deseje ou a quem deseje. O resto é especulação vã de revistas, livros e conversas. E o pobre imperador era muito humano e pagão para resistir. "Vagabundo do amor", chamava-o a esposa Lívia.

Já à morte, vendo todo um passado de conquistas e vitórias, perguntou, filosoficamente, dando a dimensão do seu valor: — "Estará triste o povo? Representei bem a comédia? Se o espetáculo que vos ofereci agradou-vos, aplaudi".

Morreu no colo da esposa sem sofrimento.

ARREMATE

Não sei, nem li em autor algum, se Augusto, no coração do povo, foi maior do que Nero; não sei, nem li em livro algum, se o seu nome permanece, hoje, tão vivo em Roma quanto o do filho de Agripina; não sei, ainda, e nem também li em trabalho algum, se a sua memória continua reverenciada quanto a de inspirador do incêndio de Roma, o nosso Nerone que mete mêdo aos católicos — mas sei, sem precisar confirmar em alguém, que a majestade do seu vulto ímpar; a grandeza do seu trabalho, a fidelidade ao modelo cesáreo; a dignidade majestosa de primo inter pares, fê-lo e o fará sempre o mais destacado, viril e real dos governantes da terra.

Augusto, sim: no nome, na vida, na recordação.

BIBLIOGRAFIA

TÁCITO: "Anais", trad., 1910.

SUETÔNIO: "As Vidas dos Doze Césares", 3.ª Ed. traduz., 1950, págs. 64/136.

TITO LÍVIO: "Resumo de História Romana", 1.ª Ed. Traduz. 1877, pags. 286/87, cap. LXXVIII, in "A Morte de Cícero".

IVAR LISSNER: "Os Césares", trad. 1959, págs. 55/101.

BLOCH e COUSIN: "Roma e Seu Destino", ed. traduz. 1964, pags. 205/47.

A. SOUTO MAIOR: "História Geral", 8.ª Ed., 1969, págs. 165/85.

MIRKO JULUSICH: "César", ed. traduz., 1941, págs. 336/68.

TH. MOMMSEN: "O Testamento de Augusto", 1865, trad. 1890.

Dois Poemas de Lucilo Varejão Filho

O AMOR TRANSMIGRA

Ouve, Amada
Terrível será a nossa história:
O irremediável se interpõe entre nós.
Jamais minha cabeça
Penderá sobre o teu peito.
Em vão meu corpo
Gritará pelo teu corpo
Porque o irremediável se interpõe entre nós.
Mas o sortilégio não desaba
Sobre mais de uma geração.
E um dia — séculos decorrerão por certo —
Pelo corpo do primogênito
Do meu sétimo descendente
Serás minha
Na carne da filha mais nova
Da tua puríssima geração.

O AMANTE DESESPERADO

Ó fantasmas da noite
No meio de todos vós
O mais atormentado sou eu.
Mãos sem corpo
Que vos gerais nas sombras
Retende o corpo da mulher amada.
Ó sombras macilentas sob a lua
Evocações dos amigos mortos
Cartilagens da Asa Vermelha,
Espalmadas na Eternidade
Sede minhas amigas
Tatalai inquietas sobre a sua cabeça
e depois riscando arabescos
Confundi a rota que ela seguiria no chão.
Espíritos de adolescentes
Bordai montanhas na lisura das campinas.
E vós, carpideiras, salmodiai gemidos por mim
Porque se a mulher amada partir
Quando vier lambendo os céus
O raio morno da quieta aurora
Outro corpo de suicida
Andará chamando a infinitude dos lamentos.

ULISSES

TEREZA TENÓRIO DE ALBUQUERQUE

O meu amor inundará o tempo
e sobreviverá a Troia, aos deuses,
ao meu nome e ao teu nome.

O meu amor acenderá a ilha
e ocupará o trono vazio.
Será como um farol sobre o promontório
guiando as últimas naus ao porto de Ítaca
na esperança de te envolver para sempre na luz.

O meu amor será mais forte que o braço de Heitor
e o ódio de Poseidon.

Seus raios cegarão eternamente o único olho de Polifemo
e acenderão em teu sono a imagem de Ítaca:
— acompanharás, embora longe do nosso país,
o crescer silencioso de Telêmaco
e contarás o número de vezes que prescruto o horizonte
longa e ansiosamente.

O meu amor construirá uma muralha de ferro em torno do [teu peito
tornando-te insensível ao encantamento das outras mulheres,
até mesmo das filhas dos deuses.

O meu amor nos unirá num círculo intemporal
além do ritmo das armas e do engodo de um cavalo
além dos mares estrangeiros e dos rios de Ítaca
além da morte dos nossos irmãos e da violência dos meus [pretendentes
além do infinito de uma teia e do teu desejo de voltar.

O meu amor arderá com a perenidade de Apolo
tão certo como eu me chamo Penélope.

Fevereiro, 1975.